



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Maria Cristina Tavares

**O Maracatu Almirante do Forte e sua Relação na Educação Familiar dos Meios
Populares: um estudo de caso**

RECIFE 2018

Maria Cristina Tavares

O Maracatu Almirante do Forte e sua Relação na Educação Familiar dos Meios Populares: um estudo de caso

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito para a obtenção de título de licenciado(a) em Pedagogia, orientada pelo(a) Prof.^a Dr.^a Fabiana Cristina da Silva.

RECIFE 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

T231m Tavares, Maria Cristina.
O Maracatu Almirante do Forte e sua relação na
educação familiar dos meios populares: um estudo de caso
/ Maria Cristina Tavares. – Recife, 2018.
75 f.: il.

Orientadora: Fabiana Cristina da Silva.
TCC (Monografia) Pedagogia – Universidade Federal
Rural de Pernambuco, Departamento de Educação, Recife,
2018.

Referências, apêndices e anexos.

1. Educação não formal 2. Cultura popular 3. Famílias
de meios populares I. Silva, Fabiana Cristina, orient.

II. Título

CDD 370

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

O Maracatu Almirante do Forte e Sua Relação na Educação Familiar Dos Meios Populares: um estudo de caso

Esta monografia foi julgada adequada como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciado(a) em Pedagogia, aprovada pela banca examinadora na Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Prof.^a Coordenadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia

Data da Defesa: 19/02/2018

Horário: 16 horas

Local: Sala 6B – DED - UFRPE

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Fabiana Cristina da Silva (Orientador/a)

Prof.^a Dra. Maria Aparecida Tenório F. da Costa (Examinador/a Interno/a)

Prof. Ms. Aristeu Portela Júnior (Examinador/a Externo/a)

“Eu ando e você não anda, eu vejo e você não vê, O Almirante do Forte é macumba pra valer...” (Loa do Maracatu Almirante do Forte).

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas e todos educadoras e educadores que veem a educação como uma ação problematizadora que suscita nos educandos um *Quefazer* no mundo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois é sob seu amor, infinita bondade e misericórdia que vivo.

À minha mãe (*in memória*) por minha formação quanto pessoa e por dentro das suas mínimas possibilidades, ter vislumbrado a seus filhos *o estudo* (como dizia) como oportunidade de um “futuro” melhor.

À minha família, representada por minhas irmãs, meu irmão, sobrinhos e sobrinhas de duas gerações, minha filha amada Isabela Tavares pelo seu incentivo e importante contribuição no meu seguimento acadêmico e ao meu marido Marcos José. Os dois, enxergaram em mim a perseverança, dedicação e amor pelo caminho que sempre foi almejado, mas só sendo trilhado mais de duas décadas após o término do ensino médio. Agradeço especialmente aos educadores presentes nessa família que me inspiram quanto a sensibilidade e humanização no ato de educar.

Agradeço imensamente à minha orientadora Fabiana Cristina da Silva, professora, educadora, amiga, por quem tenho grande respeito, amor e admiração. A você Fabi, minha gratidão eterna, por sua generosa mediação na minha construção de conhecimento, por sua escuta atenta, sempre. Além da sua sensível compreensão em relação às possibilidades, limitações e singularidades que permeiam o educando, esse educando que é ser constituído de uma vida pessoal, que perpassa por diversos aspectos inerentes a sua condição humana.

Gratidão:

A todas as Professoras e todos os Professores da Pedagogia Ruralinda. Me sinto privilegiada pelas aulas que tive com cada um, parte sólida e significativa na construção de conhecimento para minha formação docente.

A outros Professores e Professoras que não são do Curso de Pedagogia, mas que fazem parte do valioso corpo docente da UFRPE. Professores esses que tive o privilégio de conhecer e com alguns deles, ter trabalhado, tiveram importância impar na caminhada acadêmica, como: As Professoras do CEFES, Professores da INCUBACOOP e Professoras do Departamento de Ciências Domésticas.

Gratidão ao PIBID, especialmente à profa. Carmi Ferraz por ter me apresentado com o CMEI Carmelita Muniz, aonde mediada pelos conhecimentos de Marcia Castro e Jaqueline Calixto, pude ter a oportunidade de ver e construir a relação teoria e prática.

Gratidão imensa às grandes amigas: Celeste Gama, Karol Reis (amigas de outros carnavais), à Joyce Guerra, minha filha da faculdade, por quem tenho um imenso carinho e zelo, à Ana Carolina Salvador, por sempre, mesmo na ausência, estar presente na minha vida nas orações e torcida, à Graciele Selma pelas escutas e grande parceria, à Edlenes Lins, por estar sempre me colocando para “cima”, à Sarah Porto, pelos momentos de aprendizagem recíproca. Aos meus amigos queridos, Romário Dias e Alessandro Oliveira, pela força e carinho.

A todos os colegas que ao longo do curso foram direta ou indiretamente fortalecendo minha caminhada.

Gratidão profunda ao Maracatu Nação Almirante do Forte, representado na figura ilustre do Mestre (Diretor), pela acolhida e permissão para a realização dessa pesquisa. Às famílias entrevistadas por aceitarem contribuir com as suas falas, o *corpus* do trabalho.

Gratidão de forma muito especial à FAFIRE, minha primeira casa universitária onde adquiri maturidade para ingressar na universidade pública, aonde fiz e mantenho sólidas amizades.

LISTA DE ABREVIATURAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPQ	Conselho Nacional de Pesquisa
FUNCULTURA	Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura-PE
FUNDARPE	Fundação de Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco
GP	Ginásio Pernambucano
GERES	Grupo de Estudos em Representações Sociais
JEPEX	Jornada de Ensino Pesquisa e Extensão
MCP	Movimento de Cultura Popular
PEPE	Prática Educacional Pesquisa e Extensão
PIBIC	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRS	Teoria das Representações Sociais
UEPA	Universidade do Estado do Pará
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNESP	Universidade Estadual Paulista

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar como o Maracatu Almirante do Forte trabalha o processo educacional de crianças e adolescentes de meios populares e a influência dessa educação no contexto familiar das crianças e dos adolescentes do bairro do Bongi -PE, que participam do maracatu. Partindo do pressuposto de que a educação tem uma função social, necessita vincular-se às ações que envolvam direta ou indiretamente os diversos sujeitos no processo educacional, tornando assim, conforme defendido por Freire (2015) um ato coletivo. O campo teórico está fundamentado nos estudos de Fávero (1983), Coelho (2012), Freire (2015), Guerra Peixe (1980), Gohn (2010) e Libâneo (2010). O aspecto metodológico foi constituído de observações sistemáticas na sede do Maracatu e de entrevistas semiestruturadas. A pesquisa está respaldada para essas questões técnicas de instrumentos de coleta de informações e quanto ao tipo da pesquisa caracterizada como um estudo de caso, em Ludke; André (1986) e em Moscovici (2015) para análise dos dados coletados, à luz da Teoria das Representações Sociais. Conclui-se que o processo educacional trabalhado pelo Maracatu Almirante do Forte com as crianças e adolescentes da comunidade se dá por meio da ressignificação da cultura popular, arraigada no maracatu. Contudo, foi possível nesse trabalho problematizar sobre outras formas de educação, fomentando assim, contribuir com um fazer pedagógico comprometido com a formação e desenvolvimento integral dos sujeitos.

Palavras-Chave: Educação não-formal. Maracatu. Cultura Popular. Famílias de meios populares.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar como el Maracatu Almirante do Forte trabaja el proceso educacional de niños y adolescentes de contextos populares y la influencia o no de esa educación en relación a los familiares de esos niños y adolescentes del barrio de Bongi- PE. Partimos del presupuesto que siendo la educación una función social, necesita vincularse a las acciones que involucren directa o indirectamente diversos individuos en el proceso, volviendo así, según defendido por Freire (2015) un acto colectivo. El campo teórico fundamentaremos en los escritos de Fávero (1983), Coelho (2012), Freire (2015), Guerra Peixe (1980), Gohn (2010) e Libâneo (2010). El aspecto metodológico fue constituido de observaciones sistemáticas en la sed del Maracatu y de entrevistas semiestructuradas. La pesquisa se apoya en Ludke; André (1986) y sobre todo Moscovici (2015) para análisis de los datos, a la luz de la Teoría de las Representaciones Sociales. Se concluye que el proceso educacional trabajado por el Maracatu Almirante do Forte con los niños y adolescentes de la comunidad ocurre por medio de la resignificación de la cultura popular, relacionada al Maracatu. Luego fue posible en ese trabajo problematizar sobre otras maneras de educación, fomentando así, contribuir con un hacer pedagógico comprometido con la formación y desarrollo integral de los sujetos.

Palabras-clave: Educación No-Formal; Maracatu; Cultura Popular; Famílias de contextos populares.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 : O RITO NAGÔ DA “NAÇÃO”: GUIANDO O DIÁLOGO COM OS AUTORES	17
1.1. REVISÃO DE LITERATURA	20
CAPÍTULO 2: A <i>CORTE REAL</i> DO MARACATU INDICANDO UM CAMINHO METODOLÓGICO	25
2.1. TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UMA PERSPECTIVA DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	28
2.1.1. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE TRS E EDUCAÇÃO	32
CAPÍTULO 3: O BATUQUE DAS <i>ALFAIAS</i> E AS POSSÍVEIS REPRESENTAÇÕES: AS ANÁLISES E OS RESULTADOS	33
3.1 O UNIVERSO DA PESQUISA: O MARACATU NAÇÃO ALMIRANTE DO FORTE	35
3.1.1 O BAIRRO DO BONGI	36
3.2. APRESENTANDO OS SUJEITOS ENTREVISTADOS NO PRIMEIRO MOMENTO	37
3.2.1. SITUANDO E ANALISANDO A FALA DOS (AS) ENTREVISTADOS (AS): O MARACATU	39
3.3. APRESENTANDO OS SUJEITOS ENTREVISTADOS NO SEGUNDO MOMENTO	41
3.3.1. SITUANDO E ANALISANDO A FALA DOS ENTREVISTADOS: AS FAMÍLIAS	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62
APÊNDICE A: Mostra fotográfica do Maracatu Nação Almirante do Forte durante o processo da pesquisa	
APÊNDICE B: Roteiro de entrevista de sondagem.	

APÊNDICE C: Roteiro de entrevista com crianças e adolescentes participantes do Maracatu NAF.

APÊNDICE D: Roteiro de entrevista com os familiares das crianças e dos adolescentes participantes do Maracatu NAF.

ANEXO

INTRODUÇÃO

Pensar em uma educação que viabilize a ampliação de conhecimento articulada com a cultura popular, em ambiente de educação não-formal inserido nos meios populares é (re)pensar a necessária ruptura elitista, hegemônica e excludente comumente reproduzida na sociedade brasileira. Essa perspectiva de ruptura requer atenção e consideração a outros vieses sociais, fomentadores de uma educação pautada no desenvolvimento integral dos sujeitos, considerando o meio sociocultural em que estão inseridos.

É sabido que a educação não se restringe apenas a uma única definição e não se restringe a uma só modalidade. Nesse entendimento, torna-se imprescindível a abordagem acerca de algumas definições de educação, a fim de explicitar a modalidade de educação não-formal e a prática educativa que a modalidade demanda.

Há diversos entendimentos entre os profissionais que direta ou indiretamente desempenham atividades no âmbito educacional conforme Libâneo (2010). A divergência de opinião torna a temática ainda mais complexa, entretanto, instigante, sendo assim: “É inevitável que ocorram entendimentos parcializados devido ao viés das várias áreas de conhecimento do fenômeno educativo, das diversas instituições que lidam com questões educacionais ou das experiências vivenciadas na prática” (LIBÂNEO, 2010, p.70).

Mesmo entre os profissionais que atuam na prática educativa escolar como professores, gestores, coordenadores, psicólogos, os sentidos do termo educação não são os mesmos. O sentido e definição do termo para cada um nem sempre poderá ser concebido nas mesmas realidades.

Frente essa discussão o que se pode afirmar é que a educação ou o processo educativo é imprescindível para o desenvolvimento do ser humano. Independente das modalidades, educação formal, não-formal ou informal, ressalta-se a importância desta no sentido amplo de conceber ao ser humano autonomia:

A educação, enquanto atividade intencionalizada, é uma prática social cunhada como influência do meio social sobre o desenvolvimento dos indivíduos na sua relação ativa com o meio natural e social, tendo em vista potencializar essa atividade humana [...] (LIBÂNEO, 2010, p.82).

Quando a educação está comprometida com o desenvolvimento dos indivíduos, requer comprometimento social, político e cultural por parte dos seus agentes, para suscitar nos educandos uma crítica, uma ação-reflexão sob ser e estar no mundo. Requer mediação por parte dos educadores, que possibilite aos educandos conscientização.

Na percepção de Freire (2015) não pode existir pronúncia de mundo sem que haja uma consciente ação transformadora sobre o mesmo. Porém, é necessário esclarecer que há diferentes formas de pronunciar o mundo, como por exemplo, a pronúncia das classes dominantes e a pronúncia das classes dominadas. A pronúncia da classe dominante concebe a educação no sentido de poder, visando silenciar a classe dominada; já a classe dominada tem a educação como forma de organização para libertar-se da opressão. Eis nesse sentido a necessidade do comprometimento dos educadores com a educação.

No campo da Pedagogia que ora permeia esse trabalho, é imprescindível fomentar reflexões sobre o campo do conhecimento responsável pelo estudo sistemático da educação. Ou seja, do ato educativo, da prática educativa que se desenvolve em sociedade e que faz parte da atividade humana. Vê-se assim, de acordo com Libâneo (2010), que a Pedagogia se refere e guia os processos educativos quanto aos métodos e às diversas maneiras de ensinar, mas o seu significado é muito mais amplo e globalizante. “Ela é um campo de conhecimento sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa” (LIBÂNEO, 2010, p.30).

Sendo assim, no período de agosto de 2014 a julho de 2015 a proponente desta pesquisa participou do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica- PIBIC da UFRPE, com o projeto de iniciação científica intitulado: *Crianças e Adolescentes em situação de rua e a Educação Popular no Recife-1980 a 1990*. Uma investigação baseada nos pressupostos de Saviani (2010), sob a orientação do Prof. Dr. Humberto Miranda.

Durante a realização da pesquisa houve contato com educadores sociais, militantes de movimentos sociais e sujeitos que viveram nas ruas de Recife no período de 1980 a 1990, em total vulnerabilidade, mas que por meio da educação popular cujas práticas pautavam-se na cultura popular, conseguiram ser exemplos de superação, como aconteceu com um dos entrevistados.

Foi a partir da narrativa desse entrevistado, alfabetizado através de uma educação vinculada à cultura popular, apresentada por um dos irmãos que fazia parte de

um grupo de educadores de rua e que também foi alfabetizado por esse viés, que suscitou a temática desse trabalho.

Dessa forma, a presente pesquisa pretende abordar a relevância da cultura popular para as práticas educativas desenvolvidas no “Maracatu Almirante do Forte”, com sede localizada no bairro do Bongi- Recife- PE, com crianças e adolescentes integrantes desse maracatu e a influência na educação de membros das suas famílias.

No livro *Maracatus do Recife*, Guerra Peixe (1980) aponta para o surgimento do maracatu-nação ou maracatu de baque- virado em Pernambuco, a partir da tradição do rei do Congo. Esse maracatu é constituído de uma corte real e seu cortejo acompanhado por um conjunto musical de instrumentos de percussão, distinguindo-se do maracatu de baque-solto ou maracatu rural (por se originar de agricultores e indígenas locais) pela composição de seu conjunto musical e por ter como presença marcante o caboclo de lança.

O Maracatu Nação Almirante do Forte está presente na comunidade do Bongi há 86 anos, completados em 07 de setembro de 2016. Com uma sede própria pertencente a família do atual Diretor “Mestre Tetê” (Sr. Antônio José da Silva Neto). Segundo ele, o maracatu iniciou com seus tios, passou para seus pais, depois para sua irmã e agora tem ele como diretor. Esse Maracatu tem como objetivo principal, afastar das drogas, as crianças e adolescentes da comunidade usando a força do Maracatu para que eles também vençam e aprendam a valorizar a cultura popular.

Acreditamos que a valorização da cultura potencializa a criticidade dos indivíduos em relação ao contexto histórico social do qual emergiram e, especificamente, a Cultura Popular suscita sistematicamente de acordo com Freire (2015) uma conscientização de visão de mundo de forma crítica, além de provocar um sentimento de pertencimento social valorizado.

A educação tem uma função social e necessita vincular-se às ações que envolvam diversos indivíduos no processo, sejam eles pertencentes direta ou indiretamente, como é o caso de familiares. Sendo assim, conforme defendido por Freire (2015) “A educação um ato coletivo”, evidenciando, portanto, a amplitude social que a ação educativa deve perpassar, porém, partindo de uma postura dialética entre “mundo” e “sujeitos” no contexto social por parte do educador.

Dessa forma, problematizaremos se a cultura popular trabalhada com crianças e adolescentes de meios populares em um ambiente de educação não formal, como é o

caso do grupo do Maracatu, influencia ou não a educação de seus familiares e como ocorre essa influência.

A relevância da pesquisa no âmbito acadêmico, sobretudo em relação ao Curso de Pedagogia, dá-se por fomentar reflexões sobre o processo educativo presente em diferentes espaços sociais, bem como mediado por diferentes sujeitos que uma vez apropriados de saberes podem tornar-se agentes ativos (embora não intencionalmente) na propagação desses saberes a outros sujeitos.

Nesse sentido, podemos perceber através deste trabalho, a valorização da instituição pesquisada no meio acadêmico, por tratar-se de um ponto cultural inserido em uma comunidade de meio popular, norteadas por uma modalidade da cultura popular significativa como o Maracatu, modalidade de dança e percussão que aponta para um processo de socialização atrelado às experiências culturais, sociais e familiares.

Contudo, a pesquisa pretende dar visibilidade às outras formas de educação e suscitar uma Pedagogia que forme um elo entre teoria e prática, comprometida com a transformação e desenvolvimento integral dos sujeitos, considerando o meio sociocultural em que estão inseridos, característica fundamental, de acordo com Freire (2015), da ação cultural para a libertação e que fomenta uma educação emancipatória.

Diante das reflexões aqui elucidadas, este trabalho tem como objetivo geral analisar como o Maracatu Almirante do Forte trabalha o processo educacional de crianças e adolescentes componentes do grupo e a influência desse processo educativo em relação aos familiares dessas crianças e adolescentes moradores do bairro do Bongipe. Como objetivos específicos: a) caracterizar os sujeitos envolvidos no processo educacional mediado pelo maracatu definido para a pesquisa; b) investigar práticas educativas trabalhadas no Maracatu Almirante do Forte; c) identificar a influência do processo educativo nas famílias das crianças e adolescentes componentes do maracatu.

A estrutura desse trabalho está organizada em três capítulos, iniciando pelo referencial teórico que embasou essa pesquisa, contribuindo para a construção da investigação.

No segundo capítulo encontra-se o caminho metodológico percorrido e a descrição das etapas desenvolvidas para a coleta de dados, bem como a análise dos dados coletados, submetidos à metodologia de análise de Teoria das Representações Sociais (TRS).

O terceiro capítulo apresenta os resultados das informações coletadas e o diálogo com os autores que no decorrer do trabalho embasaram a discussão. Esse capítulo

ocupa-se também de apresentar de forma mais detalhada o Maracatu Almirante do Forte, no que se refere a sua história, organização e estrutura. A última parte desse trabalho trata-se das considerações finais, em que apresentamos as conclusões da pesquisa.

CAPÍTULO 1 : O RITO NAGÔ DA “NAÇÃO”: GUIANDO O DIÁLOGO COM OS AUTORES

Para uma melhor sistematização das abordagens que se fizeram necessárias à ampliação do conhecimento científico na construção deste trabalho, a escolha do marco teórico que embasou a pesquisa, contribuindo para a construção da investigação, teve dois momentos distintos, apresentados a seguir.

No primeiro momento, adotamos um processo de seleção de forma aleatória, sem busca em bancos de dados específicos, através de trabalhos disponibilizados na internet que tivessem relação com a temática do projeto. Buscamos neles, principalmente nas referências bibliográficas, o embasamento teórico e quais autores respaldaram as referidas pesquisas. Em duas disciplinas do curso de Pedagogia da UFRPE, encontramos autores que contribuíram para a elaboração do referencial teórico dessa pesquisa. Como foi o caso da disciplina de pesquisa qualitativa, ministrada no segundo período e na disciplina de Prática Educacional Pesquisa e Extensão V.

No segundo momento realizamos uma revisão de literatura on line mais sistematizada nos sites: SCIELO-Scientific Eletronic Library Online e Banco de teses e Dissertações CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior com o intuito de ampliar o marco teórico desta pesquisa¹.

Dessa forma, no primeiro momento de seleção acerca do referencial teórico selecionamos os seguintes autores, Coelho (2012), Freire (2015), Guerra Peixe (1980), Fávero (1983) Gohn (2010) e Libâneo (2010) que se tornaram referências principais ao longo do trabalho. Coelho (2012) fundador e primeiro presidente do MCP (Movimento

¹Levantamento realizado nos meses de agosto a outubro de 2016. A busca foi orientada pela seleção de palavras chaves referentes ao tema da pesquisa, apresentadas em trabalhos acadêmicos nos últimos cinco (5) anos, entre os anos de 2010 a 2015. As palavras-chave pré-estabelecidas e inseridas uma a uma nos bancos de dados para a pesquisa foram: Maracatu, Cultura Popular, Educação não formal/informal e Teoria das Representações Sociais, nos atentando as palavras encontradas nos títulos e/ou nos resumos dos trabalhos dos dois bancos de dados. Iniciamos a pesquisa com busca nos bancos de dados Scielo, em seguida CAPES, seguindo nos dois bancos de dados a mesma sequência de palavras: MARACATU, CULTURA POPULAR, EDUCAÇÃO NÃO FORMAL/INFORMAL e TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, aplicando os filtros de busca relacionados a: coleção Brasil, área de conhecimento Ciências Humanas e subárea Educação. Foi necessário em alguns momentos do levantamento nas duas plataformas, refinarmos as buscas inserido duas palavras chave como por exemplo: Maracatu e Cultura popular, Maracatu e Educação não formal ou Cultura popular e Maracatu, Cultura popular e Educação não formal, visando aproximações com o objeto de estudo e os objetivos delimitados no projeto. Ressaltamos que a seleção dos trabalhos que foram acrescentados a fundamentação teórica, estão em conformidade com o tema proposto e os trabalhos que foram descartados após refinamentos não atendiam aos objetivos do estudo.

de Cultura Popular), fundado em 13 de maio de 1960 com aprovação de Miguel Arraes, que na época iniciava seu mandato de Prefeito da Cidade do Recife. No livro *História do Movimento de Cultura Popular*, Coelho discorre sobre a relevância da organização de grupos de cultura popular formados por educadores, artistas, militantes, políticos e estudantes para uma concepção de uma educação emancipadora. Esse Movimento destacou-se em Pernambuco entre os anos 60 e 64, sendo extinto pelo Golpe Militar de 1964. Refletir sobre o MCP em Pernambuco é acreditar na necessidade de uma educação pautada na esperança de uma sociedade que respeita e reconhece a importância da cultura popular.

Freire (2015) em seu livro *Ação Cultural para a Liberdade* apresenta uma proposta de educação preocupada com as raízes e o meio sociocultural em que os sujeitos estão inseridos, tornando-os conscientes da condição em que se encontram mais capazes de criticar e iniciar um processo de transformação.

No livro *Maracatus do Recife*, Guerra Peixe (1980) traz uma abordagem histórica sobre questões centrais que vão desde a definição da palavra maracatu, passando pelo surgimento na cidade do Recife, até a categorização dos maracatus e explicação minuciosa de toda a sua musicalidade. O trabalho de Guerra Peixe revela uma fonte segura de investigação, pautada em uma pesquisa detalhada e responsável que foi citada e referendada nos trabalhos consultados sobre a temática.

Em *Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60*, Fávero (1983) apresenta que o termo “Cultura Popular” era novo no Brasil no início dos anos 60. Porém, em países da Europa, principalmente na França e em países socialistas, da China até Cuba, o termo e a discussão acerca da elitização da cultura e o acesso do povo aos bens culturais já vinha sendo utilizado e debatido. “Dentre as formas de luta popular que surgiram naqueles anos, ou que neles conseguiram se fortalecer, uma delas se chamou cultura popular” (FÁVERO, 1983, p.9). O estudo de Fávero possibilita um melhor conhecimento sobre o conceito de Cultura Popular e sua utilização no contexto educacional.

Para compreender a temática da educação com ênfase na modalidade de educação não- formal, faz-se relevante conceituar as modalidades de educação, segundo Libâneo (2010): educação formal, educação não-formal e educação informal, questionando, ao longo da conceptualização, se há intencionalidade educativa nas três modalidades.

Libâneo (2010), define que a educação formal seria aquela estruturada, sistemática, organizada e planejada intencionalmente; nesse caso, a educação escolar convencional

segue essas características. A educação não-formal é aquela cujas atividades desenvolvidas tem caráter de intencionalidade, mas com estruturação e sistematização menor. O autor explica a educação informal como o resultado de tudo que os indivíduos vivem e partilham no contexto social, político, econômico e cultural, quer dizer, nos espaços de convivência social e familiar.

Analisando essas definições, vemos que o caráter intencional do processo educativo se dá na educação formal e na educação não-formal. Porém, como indica Libâneo (2010), mesmo não havendo o caráter intencional e institucionalizado na modalidade de educação informal, não se deve diminuir a sua importância, afirmando que “Com efeito, a educação informal perpassa as modalidades de educação formal e não-formal” (LIBÂNEO, 2010, p.91).

Diante dessas abordagens, a compreensão em relação à problematização desse trabalho torna-se mais transparente, visto que a análise permeia o processo educativo no grupo de Maracatu Almirante do Forte, perpassando pelas influências desse processo no contexto familiar das crianças e adolescentes - participantes diretos das ações educativas no grupo.

Na obra intitulada *Pedagogia e Pedagogos, para quê?* Libâneo (2005) justifica a Pedagogia como um campo sistemático de estudo das práticas educativas. Pois, segundo o autor, a Pedagogia serve para investigar a natureza, as finalidades e os processos necessários às práticas educativas e faz-nos refletir que a educação ocorre em todos os contextos sociais sob várias modalidades, a exemplo, os processos de aquisição de saberes por meio da educação informal. Segundo Libâneo, o pedagogo atua em várias instâncias da prática educativa indireta ou diretamente, com objetivos de formação humana, sendo um dos modos, a educação não-formal.

Visando ampliar o conhecimento sobre as especificidades inerentes à educação, respaldamos a discussão com Gohn (2010), que corrobora com as afirmações de Libâneo (2010) quanto às definições e quanto à intencionalidade na modalidade de educação não-formal. “O aprendizado gerado e compartilhado na educação não formal não é espontâneo porque os processos que o produz têm intencionalidade e propostas” (GOHN,2010 p.16).

A autora prossegue dizendo que a educação não-formal abre janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. “Seus objetivos não são *a priori*, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo” (GOHN,2010, p.19). É construída uma forma de educar como

resultado do processo que foi voltado para atender os interesses e as necessidades dos que participam, cumprindo um significado intencional no processo.

Gohn (2010) é uma das autoras pioneiras no estudo de educação não-formal no país, na obra acima já citada intitulada *Educação não-formal e o Educador Social*, destaca o método educativo de movimentos sociais e da educação popular, referenciando o aprendizado espontâneo e a socialização intra e extrafamiliar. A autora apresenta ainda a importância de projetos sociais cuja ação educacional se dá por meio da arte e da cultura.

Portanto, entendemos que os autores escolhidos no primeiro momento para respaldar a pesquisa elencam aspectos relevantes à uma discussão reflexiva e consistente acerca da temática e do objeto de estudo, visto que, o cerne da discussão é o ato social e coletivo em que se insere a educação, conseqüentemente a Pedagogia e os diversos saberes essenciais à construção de conhecimento.

1.1. REVISÃO DE LITERATURA

Pautando-nos pelas buscas nas plataformas SCIELO e CAPES, incluindo artigos, dissertações e teses, destacamos alguns trabalhos para melhor contextualizar e justificar a importância de nossa pesquisa. A escolha dos trabalhos citados a seguir se deu pela aproximação com a pesquisa que pretende apresentar processos educativos e pedagógicos fora da escola e com outros sujeitos sociais.

Encontramos na *SCIELO*, primeira plataforma de busca, inserindo a palavra *maracatu* uma diversidade de trabalhos sobre a temática², mas selecionamos um trabalho que por suas características se aproxima mais de nosso estudo

O trabalho intitulado “Ensino e aprendizagem das culturas afro-brasileiras: epistemologias e documentação cultural” com autoria de Camila Sousa Trindade, Luna Borges Berruezo, Otávio Bontempo Nunes Silva é um artigo publicado na Revista *Ciência em Ação da UNESP* (Universidade Estadual Paulista) em 2015, teve como objetivo relatar as experiências do projeto de extensão da UNIFESPE “Tradições afro-

²Inicialmente 315 trabalhos, destes selecionamos nove estudos e refinando ainda mais a busca relacionando Maracatu e Educação não formal encontramos apenas o trabalho apresentado.

brasileiras: Oralidade e o Maracatu de Baque Virado”, integrado ao programa de pesquisa “Saberes, Práticas, Ensino e Histórias da África e do Brasil em Perspectiva Sul”.

O projeto orienta-se sob a premissa de levar ao universo escolar uma prática pedagógica referenciada em aspectos da cultura afro-brasileira, possibilitando criar um diálogo entre a educação não-formal e a educação formal, bem como, valorizar e reconhecer práticas vivenciais junto aos professores (as) da rede pública de ensino e da comunidade da cidade de Guarulhos-SP.

No artigo supracitado, os autores utilizaram como referência: Gohn (2014), Guerra Peixe (1981) e Prandi (2001/2013), em contraste com as experiências vividas daqueles que favoreceram a criação de espaços de pesquisa e documentação sobre a temática afro-brasileira. O artigo é dividido em três tópicos fundamentais na análise investigativa: África e Brasil: histórias, saberes e oralidade; Processos de ensino e aprendizagem: diálogos com a Educação; Tradições afro-brasileiras: Oralidade e o Maracatu de Baque Virado, quando se apresenta o relato da experiência do projeto extensionista³.

Através da referida investigação, é possível observar a necessidade de novos discursos epistemológicos no âmbito acadêmico capazes de compreender, interpretar e aproximar elementos da cultura popular como fomentadores de práticas pedagógicas, favorecendo o reconhecimento e valorização dos aspectos indenitários e socioculturais no processo de ensino e de aprendizagem dos sujeitos, possibilitando assim, novos parâmetros de ensino possíveis.

Nos resultados da CAPES, utilizando a palavra-chave Maracatu⁴, destacamos o trabalho de Margarete de Souza Conrado em *Percursos de resistência e aprendizagem*

³A metodologia utilizada baseou-se na perspectiva de observação participante e aplicação de seis oficinas práticas, voltadas a professoras e professores da rede pública de Guarulhos-SP, que procurou gerar ideias, metodologias de ensino, indagações, reflexões e reconhecimentos históricos, sociais e culturais sobre a cultura afro-brasileira inserida em um contexto formal da educação, como fonte de saber e documentação histórica e cultural. A elaboração das oficinas teve como norte, fontes e referências vivenciais, orais, bibliográficas e audiovisuais sobre a temática, para proporcionar múltiplas visões sobre a cultura, o corpo e a memória. Essas fontes foram coletadas pelas pesquisadoras do Projeto: Camila Sousa e Luna Borges que viajaram para Pernambuco e visitaram as Nações de Maracatu de Baque Virado das cidades de Recife, Olinda e Igarassu, onde puderam assistir a ensaios, cortejos e desfiles das nações antes e durante o carnaval, não somente fazendo registros fotográficos, como também pesquisa de campo ligada aos objetivos do projeto.

⁴ Entre os mais de oito mil trabalhos registrados na plataforma CAPES para o termo MARACATU, após refinamento na busca (que segue os mesmos critérios apresentados na plataforma Scielo) selecionamos

nos cortejos de maracatu. Trata-se de uma tese de Doutorado em Educação na Universidade Federal da Bahia, que objetivou compreender os percursos de vida como relações de tensão que se dão no cenário interpretativo dos cortejos de maracatu nação em Pernambuco, considerando esse espaço como uma complexa rede geradora de processos formativos éticos, estéticos e educativos construídos a partir da convivência comunitária.

O objeto central dessa tese é composto pelo estudo das narrativas simbólicas de ancestralidade africana evidenciadas nos cortejos do maracatu, a partir da personagem da Dama do Paço e do elemento simbólico da Calunga. Inserindo o entendimento de educação à concepção de pensamento-ação, incorporado pelo sujeito calungueiro que traz a esse processo a força do elemento simbólico enraizado à sua ancestralidade e suas visões de mundo.

A pesquisa de cunho etnográfico, com coleta de dados por meio da observação participante e entrevistas, respalda-se em teóricos da Antropologia e Sociologia, bem como, em teorias da Arte, Cultura e Educação. Justificando a problemática levantada pela autora: a ligação entre o corpo calungueiro do maracatu, articulando linguagem, imaginário e contexto, caracterizando um encontro entre sistemas culturais em processo contínuo de aprendizagem.

Já com a palavra *Cultura Popular* selecionamos⁵ um artigo de 2011 que aborda o contexto histórico em relação à cultura popular, intitulado “Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica”. Nesse artigo, Petrônio

vinte trabalhos produzidos por pesquisadores dos Cursos de Antropologia, Artes Cênicas, Educação, Ciências das religiões, Geografia, Música e História. Apresentados em conclusão de Mestrado e Doutorado, nas Universidades dos estados de Pernambuco, João Pessoa, Bahia, Santa Catarina e São Paulo. Após a seleção dos vinte trabalhos, elencamos dois para análise mais detalhada, porém, após leitura dos dois trabalhos apenas um, explicitado a seguir, apresentou maior aproximação com a investigação que a pesquisa se propõe quanto aos diferentes processos educativos. Bem como, a pertinência em relação a interpretação das subjetividades intrínsecas aos aspectos simbólicos que envolvem a memória e ancestralidade nos maracatus, permitindo amplitude e entendimento de conhecimento de mundo à educação.

⁵ No banco de dados da SCIELO, encontramos a princípio um total de 251 trabalhos. Após refinamento relacionando a palavra cultura popular as outras palavras-chave, reduzimos o resultado para dezesseis trabalhos e selecionamos um que mais se aproxima de nosso estudo.

Domingues, da Universidade Federal de Sergipe, apresenta uma discussão pautado na produção do conhecimento histórico em relação aos conceitos de cultura popular e erudita (cultura de elite). Perpassando por autores como: Burke (1989/2000/2005); Certeau (1989), Chauí (1986) e Hall (2003).

O autor nos chama atenção para a necessidade de questionarmos o conceito de cultura. Ir mais além da dualidade e problematizar os conflitos e interesses antagônicos que classificam como popular a produção cultural que se contrapõe à cultura hegemônica e dominante.

Com o mesmo termo na CAPES⁶ selecionando uma pesquisa que consideramos mais pertinente ao estudo por evidenciar o pensamento de Paulo Freire agregando a cultura popular às práticas pedagógicas, sob o título “Cultura e interculturalidade na educação popular de Paulo Freire”, de Ivanilde Apoluceno de Oliveira, Professora Titular, pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Coordenadora do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire – UEPA.

Nesse artigo de pesquisa bibliográfica, Oliveira discorre sobre a análise da influência da educação popular de base freireana, na construção intercultural no Brasil. Considera o engajamento ético-político de Paulo Freire contra a desigualdade e exclusão social, bem como, a importância de agregar a cultura popular as práticas educacionais. Nessa perspectiva, a autora aponta que Paulo Freire, não só priorizou em seu pensamento educacional a cultura, como destacou em suas obras a interculturalidade.

Em relação a *Educação Não Formal/Informal*⁷ analisamos um estudo teórico de 2010: “Educação além da escola: acolhida a outros saberes”. Nele, as pesquisadoras Eliana Perez de Moura e Dinorá Zucchetti, apresentam seus posicionamentos sobre as práticas de educação além da escola. Entendendo a educação do campo social como uma ação educativa não escolar, que pode e deve pautar-se no conhecimento provenientes de todas as disciplinas da área das Ciências Humanas e Sociais. Assim, a dimensão ético-política da educação deverá sobrepor-se aos debates atuais.

⁶Tivemos um resultado de 135 trabalhos na busca inicial, conforme surgiam nos títulos e/ou nos resumos que se apresentavam na busca. Em seguida, refinamos a pesquisa buscando os trabalhos mais citados.

⁷No SCIELO Com esse termo selecionamos (utilizando os mesmos critérios de busca já mencionados) quatro trabalhos e destacamos um do Mestrado em Inclusão Social e Acessibilidade da Universidade Feevale – Novo Hamburgo (RS). ,

O trabalho “A educação informal e o *rap* como agente educativo” de Alexandre Felipe Fiuza e Iolanda Macedo foi selecionado na busca da CAPES⁸. Publicado na *Revista Científica Eccos*, edição de janeiro de 2013, o texto aborda a relação existente entre o *rap* e os processos educativos, partindo de conceitos referentes às modalidades de educação. Para analisar essa relação, os autores pautaram-se em referenciais teóricos nacionais e estrangeiros numa perspectiva interdisciplinar, já que o objeto de estudo envolve elementos sócio histórico e culturais, que estão diretamente ligados ao campo educacional.

Centrados na educação não- formal e informal, o trabalho busca compreender os processos de educação e a relação com a significativa influência da indústria cultural e os meios de comunicação junto ao público. Contribuindo assim com um debate reflexivo sobre a relevância das metodologias utilizadas nas modalidades de educação não-formal e informal.

Pelas informações explanadas neste Capítulo, consideramos a seleção do marco teórico satisfatória, pois os autores aqui elencados possibilitaram à pesquisa uma maior compreensão acerca das problematizações em relação ao objeto investigado. No mais, a revisão de literatura *on line* auxiliou na validação da escolha de alguns autores para nosso referencial teórico, como Guerra Peixe, Paulo Freire e Maria da Glória Gohn, selecionados em momento anterior a essa etapa.

Outro aspecto relevante que a revisão de literatura possibilitou, foi a escassez de trabalhos que mostrem a relação do processo educativo trabalhado no maracatu com a família. Abordagem que este trabalho buscou problematizar, possibilitando a esta pesquisa uma perspectiva inovadora.

⁸ Na busca para o termo *Educação Não Formal/Informal* utilizamos como critério a busca pelos mais acessados chegando ao resultado de nove trabalhos referentes a temática. Em seguida, buscamos pelos mais citados com o intuito de refinamento da pesquisa e consequentemente maior relação com a investigação proposta.

CAPÍTULO 2: A CORTE REAL DO MARACATU INDICANDO UM CAMINHO METODOLÓGICO

A metodologia dessa pesquisa, de abordagem qualitativa, se caracteriza como um Estudo de Caso. Podemos apontar como uma das características da abordagem qualitativa: “A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento” (BOGDAN; BIKLEN, 1982 *apud.* LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.11). Isso implica dizer que se faz necessário o contato direto do pesquisador por meio do trabalho de campo, com o lócus a ser investigado, relação essa que foi vivenciada nessa pesquisa.

Nessa perspectiva “Os estudos de caso enfatizam a interpretação em contexto” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.18), visando a descoberta. Mesmo quando o pesquisador parte de alguns pressupostos teóricos iniciais, inerentes à investigação, a atenção a novos elementos que possam emergir deve ser constante. Nesse tipo de estudo, um princípio básico para uma apreensão mais completa do objeto é levar em consideração o contexto em que o objeto se insere.

Nesse sentido, compreendemos como sendo de inteira importância os aspectos sócios econômicos e culturais que permeiam o objeto de pesquisa. Bem como, os aspectos relacionais que emergem nos ambientes sociais com as interações interpessoais. Assim, o “desenrolar” da pesquisa fomentará novos elementos, possibilitando ao pesquisador a perspectiva que o conhecimento não é algo acabado, mas sim, segundo as autoras, uma construção que se faz e refaz constantemente.

No caso da nossa pesquisa, os instrumentos utilizados para a coleta de dados, consistiram em observações sistemáticas das ações do Maracatu Almirante do Forte em sua sede e entrevistas semiestruturadas.

Ludke e André (1986) apontam para a importância da observação nas abordagens de pesquisa educacional, sendo os focos da observação determinados basicamente pelos propósitos do estudo traçado pelo pesquisador, nesse caso, os objetivos estabelecidos para serem alcançados. Assim, foram observados os ensaios do Maracatu e a oficina de percussão, que reúnem tanto crianças e adolescentes da comunidade, como também adolescentes do Ginásio Pernambucano (GP), onde o Maracatu tem um projeto financiado pela Fundação de Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco - FUNDARPE.

Observamos ainda, as relações estabelecidas entre: a família do Mestre do Maracatu Almirante do Forte e a comunidade; as crianças e adolescentes integrantes do Maracatu e as não-integrantes. No mais, chamaram atenção outros aspectos: a forma que o vice-diretor e filho do Mestre do Maracatu conduz os participantes para o ensaio, o arte-educador e sua mediação na oficina de percussão, os ajustes que as crianças e adolescentes fazem nos instrumentos para “afinar” antes do ensaio, as loas puxadas e orquestradas pelo Mestre etc., registrando também a apresentação do grupo fora da sua sede (ver Apêndice A).

De acordo com Bogdan e Biklen (1982, *apud.* ANDRÉ; LUDKE, 1986) o conteúdo das observações deve envolver uma parte descritiva. Essa parte descritiva é composta por registros do que foi observado no campo, visando uma melhor compreensão dos dados e conseqüentemente uma análise mais completa. Porém, o tipo de material que vai ser utilizado para as anotações, fica a critério do observador. Desse modo, registramos o conteúdo das observações em um diário de campo, por entender que é “[...]um tipo de material que mantém junto todo o conjunto de observações[...]” (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p. 33). Facilitando assim, o acesso às informações obtidas sempre que houver necessidade.

Foram realizadas 13 visitas ao universo da pesquisa incluindo: solicitação de autorização para a realização da pesquisa (1º contato), entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), 7 observações. Entre essas observações destacamos a apresentação do maracatu na Praça da Várzea na segunda feira de Carnaval em fevereiro de 2017 e a celebração dos 86 anos do Maracatu Almirante do Forte em 7 de setembro de 2017.

Ao lado da observação, Ludke e André afirmam que a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados. A entrevista é considerada em quase todos os tipos de pesquisa nas ciências sociais, umas das principais técnicas de trabalho. Dentre alguns tipos de entrevistas, foi utilizada nessa pesquisa, a entrevista semiestruturada. “[...]que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (LUDKE, ANDRÉ 1986, p.34). As autoras apontam esse tipo de entrevista como o mais adequado para a pesquisa em educação. Nesse caso, para as informações que queríamos obter e os informantes que foram abordados, consideramos mais conveniente um instrumento mais flexível como é a entrevista semiestruturada.

Realizamos as entrevistas em três momentos: setembro de 2016, maio e julho 2017. Em setembro de 2016, foi realizada uma primeira entrevista de sondagem (ver Apêndice B) com cinco integrantes (três homens e duas mulheres) responsáveis pelo Maracatu Nação Almirante do Forte, envolvidos direta e indiretamente com a organização e ações do grupo. Classificamos os sujeitos da referida entrevista como: Entrevistado 1, entrevistada 2, entrevistado 3, entrevistada 4 e entrevistado 5. Visando de acordo com o TCLE, preservar a identidade dos entrevistados.

Posteriormente, visando ampliar a discussão proposta pelo problema da pesquisa e atender aos objetivos, entrevistamos três adolescentes (uma menina e dois meninos), duas crianças (uma menina e um menino), integrantes do Maracatu. Também foram entrevistados quatro adultos (familiares das respectivas crianças e adolescentes), todas mulheres, duas mães, uma tia e uma avó, totalizando nove sujeitos entrevistados no segundo momento de entrevistas, realizado nos meses de maio e julho de 2017.

Utilizamos dois roteiros de entrevistas: um para as crianças e adolescentes e outro para os familiares. Os roteiros foram constituídos por um bloco de quatro questões cada um (ver Apêndices C e D). Categorizamos essas referidas pesquisas, separando as entrevistas por famílias, classificando os sujeitos entrevistados por letras, na respectiva ordem alfabética, assim organizada: Família “A” (adulto A e criança A), Família “B” (adulto B, criança B e adolescente B), Família “C” (adulto C e adolescente C) e Família “D” (adulto D e adolescente D).

A escolha dessas famílias se deu por meio das observações no lócus da pesquisa, sede do Maracatu Almirante do Forte, durante os ensaios e atividades realizadas. As observações que perpassaram também pelos aspectos interrelacionais dentro do grupo e indiretamente com a interação da comunidade que começam a circular dentro da sede e em frente a ela bem antes dos ensaios e/ou outras atividades iniciarem, dando sempre um ar de festa.

Para a escolha das crianças, adolescentes e adultos (familiares), a mediação do Mestre foi de grande relevância, contribuindo com informações quanto ao tempo de participação e sua atuação no Maracatu. Para abordagem com os adultos, houve mediação também da esposa do Mestre e do filho do Mestre que é vice-diretor do Maracatu.

Como os ensaios acontecem sempre aos sábados, a cada 15 dias facilita a presença de um maior quantitativo de pessoas por ser um final de semana. Além do fato do Almirante ser a única atração cultural do bairro, tornando sua sede um ponto de

encontro e diversão a todas as idades. Desse modo, foi bastante acessível o contato com a comunidade e com os entrevistados, seguindo o cronograma das observações aos sábados.

As primeiras abordagens para as possíveis entrevistas aconteceram primeiro com as crianças e adolescentes e, posteriormente, com seus familiares. Porém as entrevistas foram realizadas com cada criança e adolescente no mesmo dia e horário dos familiares. A escolha do dia e horário das entrevistas ficou a critério dos familiares, de acordo com a disponibilidade de cada uma das entrevistadas, tia, avó e mães. As primeiras famílias entrevistadas foram as famílias “A” e “B” em maio de 2017, por escolha delas, à tarde em um dia de semana, quebrando a rotina de ida ao campo da pesquisa aos sábados ou feriados. As entrevistas com as famílias “C” e “D” foram realizadas no mês de julho de 2017 em um sábado à tarde.

Dessa forma, tais procedimentos aqui elencados foram realizados na sede do Maracatu Almirante do Forte, situada no bairro do Bongi, Recife-PE. Nesse universo de investigação apresentado e em seu entorno, encontram-se os sujeitos que corporificam a pesquisa, assim elencados: Cinco sujeitos responsáveis pelo Maracatu e envolvidos direta e indiretamente. Sendo quatro desses sujeitos, principais integrantes e organizadores do Maracatu (primeiros entrevistados). Duas crianças e três adolescentes (sendo duas meninas e três meninos) e um membro da família de cada criança e ou adolescente entrevistado (marcando o segundo momento das entrevistas). Assim, totalizamos quatorze sujeitos que contribuíram com a realização desse trabalho, subsidiado pelas técnicas e instrumentos escolhidos e supracitados nesta metodologia.

2.1. TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UMA PERSPECTIVA DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

A Teoria das Representações Sociais (TRS) baseada nos estudos de Serge Moscovici (2015) é a metodologia de análise desta pesquisa. Por meio da representação social, que tem como base principal a psicologia social e a sociologia do conhecimento, é possível compreender e explicar aspectos novos que estão implícitos no cotidiano das pessoas.

Assim, adotamos essa metodologia de análise por ela suscitar um entendimento da dinâmica do conhecimento do senso comum e do conhecimento científico. Nos permitindo conhecer as ações educativas trabalhadas com crianças e adolescentes de

meios populares em ambiente de educação não formal, mediadas pela cultura popular e a influência na educação de seus familiares.

Nesse sentido, acreditamos que o conhecimento do senso comum dos sujeitos envolvidos na investigação, sobre educação a partir das ações desenvolvidas no Maracatu Almirante do Forte, é uma reflexão construída socialmente. O psicólogo social romeno radicado francês, Serge Moscovici na obra *La Psychanalyse, son image et son public*⁹ mencionou pela primeira vez o conceito de Representação Social (RS), resgatando o conceito de Representações Coletivas, proposto anteriormente por Émile Durkheim. Moscovici, no entanto, desenvolveu o conceito partindo da psicossociologia, que tem como base principal a psicologia social e a sociologia do conhecimento.

Durkheim, segundo Moscovici (2015), viu as representações coletivas como formas estáveis de compreensão coletiva, servindo assim para integrar de forma homogênea a sociedade como um todo. As representações coletivas seriam fruto dos acontecimentos sociais resultando em uma consciência coletiva. Não levam em consideração as relações e interações sociais que possibilitam os sujeitos interpretarem o mundo e atribuir-lhe significação específica.

De acordo com Moscovici,

As representações sociais emergem, não apenas como um modo de compreender um objeto particular, mas também como uma forma em que o sujeito ou grupo adquire uma capacidade de definição, uma função de identidade, que é uma das maneiras como as representações expressam um valor simbólico [...]. As representações são sempre um produto da interação e comunicação e elas tomam sua forma e configuração específicas a qualquer momento, como uma consequência do equilíbrio específico desses processos de influência social (MOSCOVICI, 2015, p.20-21).

Assim, a Representação Social para Moscovici, é uma construção simbólica que o sujeito cria para interpretar o mundo e nele interagir socialmente e se comunicar. Dessa forma, a Teoria preocupa-se em elucidar o processo de construção do conhecimento ao mesmo tempo individual e coletivo que se dá nas inter-relações entre sujeito e objeto.

Também de acordo com Moscovici, é uma teoria do senso comum, visa a construção da realidade social, tornando-a familiar, por meio dos saberes populares produzidos nas interações com o meio e partilhadas coletivamente. Moscovici (2015,

⁹ Tese de Doutorado, publicada em 1961.

p.21) argumenta que “As representações são sempre um produto da interação e comunicação e elas tomam sua forma e configuração específicas a qualquer momento”. Sintetizando sua compreensão intelectual sobre as Representações Sociais, o autor ressalta que as representações “[...] são formadas através de influências recíprocas, através de negociações implícitas no curso das conversações, onde as pessoas se orientam para modelos simbólicos, imagens e valores compartilhados específicos” (idem, p. 208).

Do ponto de vista da pesquisa em educação, segundo Silva (2010), a TRS contribui com estudos que não se limitam a uma única área e sim, visam compreender o homem e a sociedade na sua multiplicidade e complexidade. Especificamente à essa pesquisa, porque abrange aspectos sociológicos e psicológicos inerentes à construção de conhecimentos, permeados de influências comunicativas (na ação educativa) que além de se inserir em um contexto histórico cultural (o maracatu), perpassa por influências comunicativas de gerações tanto internamente quanto externamente, como por exemplo, o Maracatu Almirante do Forte que é composto por um grupo social familiar que há 86 anos é sinônimo de resistência e mantém viva a tradição e a cultura popular no bairro do Bongi.

Em “Representações sociais no Brasil: cartografia dos grupos registrados no CNPq”¹⁰ apresenta também uma abordagem sobre o interesse dos pesquisadores da área de educação na utilização da TRS, pelas múltiplas possibilidades de compreensão de um contexto sócio histórico.

Porém, os autores chamam a atenção que a TRS se refere a um referencial teórico e metodológico vivo e que nem sempre as produções científicas que utilizam esse referencial, refletem a densidade teórica e o rigor metodológico necessários ao aprofundamento epistemológico.

Diante dos elementos constitutivos de Representações Sociais, é oportuno salientar que o rigor metodológico necessário ao aprofundamento epistemológico das Representações Sociais quanto teoria e metodologia se inicia na compreensão das duas formas de conhecimento que contribuem para a explicação dos conceitos de familiar e não familiar, que são os Universo Reificado e o Universo Consensual. Pois, “[...] o propósito de todas as representações é tornar algo não familiar, ou a própria não

¹⁰ Autores: MARTINS, Alberto Meseque; CARVALHO, Cristiene da Silva; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel (2014).

familiaridade, familiar” (MOSCOVICI, 2015, p.20). Nessa linha de pensamento: “Num universo reificado, a sociedade é vista como um sistema de diferentes papéis e classes, cujos membros são desiguais. Somente a competência adquirida determina seu grau de participação de acordo com seu mérito[...]” (idem, p.51). Assim como “Em um *universo consensual* a sociedade é vista como um grupo de pessoas que são iguais e livres, cada um com possibilidade de falar em nome do grupo[...]” (idem, p.50).

Nesse sentido, entendemos que o universo reificado é restrito, onde circulam as ciências. Enquanto o universo consensual relaciona-se as teorias do senso comum, por onde circulam a vida cotidiana. É esse universo consensual segundo Moscovici, que se gera as Representações Sociais. Mas, existem dois processos formadores de Representações Sociais que são a Ancoragem e a Objetivação, que servem para familiarizar o não familiar, ou seja, o desconhecido.

Moscovici (2015) afirma que a ancoragem é o processo pelo qual procuramos classificar, encontrar um lugar e dar nome a alguma coisa para encaixar o não familiar. Enquanto que a objetivação une a ideia de não familiaridade com a de realidade, objetivar é então, descobrir a qualidade icônica de uma ideia.

Considerando esses pressupostos moscovicianos, utilizarmos a TRS nesse trabalho é de extrema importância, por percebermos a pertinência metodológica dessa teoria para analisar as informações coletadas referentes a esta pesquisa. Pois, tanto o objeto de pesquisa quanto os objetivos propostos para investigação, requereram uma percepção de realidade que perpassaram (conforme o pensamento intelectual moscoviciano) por uma das mais misteriosas características do pensamento e da fala, que é a materialização de uma abstração.

Tomamos aqui a liberdade de relacionar o estudo da TRS com o pensamento de Freire (2015) ao problematizar o processo de alfabetização de adultos como ação cultural para a libertação. Embora o pensamento freiriano, no momento, fora direcionado ao ensino e a aprendizagem de adultos, pode ser aplicado a construção do conhecimento como um todo. Porque a construção de conhecimento em todas as instâncias sociais requer uma concepção dos seres humanos e do mundo, quando afirma o autor que nem todo óbvio é tão óbvio quanto parece:

Reconhecemos a indiscutível unidade entre subjetividade e objetividade no ato de conhecer. A realidade concreta nunca é, apenas, o dado objetivo, o fato real, mas também a percepção que dela se tenha. [...] No contexto teórico, “tomando-se distância” do concreto,

se analisam criticamente os fatos que neste se dão. Esta análise envolve o exercício da abstração através da qual, por meio de representações da realidade concreta, procuramos alcançar a razão de ser dos fatos (FREIRE, 2015, p.81).

Dessa forma, diante dos pressupostos elucidados, as representações sociais se apresentaram respondendo à pergunta geradora da investigação e aos objetivos que dela suscitaram, por meio das imagens apreendidas no campo da pesquisa e das palavras proferidas nas narrativas dos entrevistados, relacionando a dialética entre subjetividade e objetividade, materializando assim, este trabalho.

2.1.1. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE TRS E EDUCAÇÃO

Após a definição da TRS como metodologia a ser utilizada nessa pesquisa, buscamos por trabalhos sobre a temática no banco de dados SCIELO¹¹ escolhemos no campo de educação e pesquisa o artigo do Professor Mohamed Chaib de 2015 “Representações sociais, subjetividade e aprendizagem”. No campo de educação e psicologia, selecionamos o trabalho de AM Martins, CAS Carvalho de 2014 “Pesquisa em representações sociais no Brasil: cartografia dos grupos registrados no CNPq”.

O Texto do Professor Chaib versa sobre a investigação de como a Teoria das Representações Sociais pode contribuir para definir e explicar os processos de ensino e de aprendizagem, uma vez que esses fenômenos são na maioria das vezes investigados com base nas teorias psicológicas de aprendizagem e cognição. Na defesa de que pouca atenção tem se dado a explicação quanto ao ensino e a aprendizagem humana analisada com base no psicossocial por exemplo, busca refletir em seu trabalho as contribuições da Teoria das Representações Sociais na explicação de tal fenômeno, principalmente por o ensino e a aprendizagem humana terem inerentes ao processo de formação a subjetividade e intersubjetividade.

Nesse sentido, compreender a Teoria das Representações Sociais epistemologicamente como uma teoria do conhecimento e da comunicação, adiciona grande potencial para explicar os processos de ensino e de aprendizagem. Desse modo,

¹¹ Estabelecendo como critério inicial o campo de conhecimento das Ciências Humanas, tivemos como resultado 428 trabalhos distribuídos em 29 páginas. Refinando a busca para a área de Educação, Pesquisa e Educação e Psicologia, com textos escritos em português, encontramos 10 trabalhos e apresentaremos dois deles por se aproximarem mais do nosso objeto de estudo.

se constitui uma alternativa e perspectiva complementar às teorias psicológicas dominantes da aprendizagem. Nessa perspectiva, considera-se que constituir uma relação social estabelece um tipo de comunicação entre o professor e o aluno e constitui uma relação didática triangular entre o aluno, o professor e o objeto de aprendizagem.

Dessa forma, esse trabalho foi de grande relevância para essa pesquisa, visto que contribui para a nossa compreensão quanto a aplicação dessa teoria na pesquisa em educação articulada a outros saberes como o caso da cultura popular representada no Maracatu em um lócus de educação não-formal. Possibilitando assim a leitura de conhecimento de senso comum que também norteia o processo de ensino e de aprendizagem em diversos contextos educativos.

Quanto ao trabalho na área de Psicologia social do Professor Alberto MESAQUE em conjunto com as Professoras Cristiene Carvalho e Maria Isabel Antunes, em “Pesquisa em representações sociais no Brasil: cartografia dos grupos registrados no CNPq”, buscaram identificar e caracterizar grupos de pesquisa brasileiros que desenvolvem a teoria das representações sociais (TRS). A proposição desse estudo partiu da necessidade de uma compreensão mais sistematizada e analítica da produção sobre representações sociais no Brasil por parte dos integrantes do Grupo de Estudos em Representações Sociais (GERES), criado na linha de Pesquisa Psicologia e Psicanálise em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pois não encontraram estudos disponíveis sobre o assunto na literatura.

Coletando dados da página do CNPq, a partir da utilização de dois termos: representação social e representações sociais sem recorte temporal, chegaram ao resultado de 172 grupos que estudam a TRS, sendo a maior parte deles localizado no Sudeste do país. A pesquisa identificou também os três grupos de pesquisa mais antigos do Brasil, apontando para o primeiro grupo mais antigo do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), intitulado Ensino de Física iniciou suas atividades em 1967, liderado pelo Dr. Marco Antônio Moreira

O segundo grupo de pesquisa mais antigo também da UFRGS, intitulado Ideologia, Comunicação e Representações Sociais, iniciou suas atividades em 1987 e é liderado pelo Dr. Pedrinho Arcides Guareschi. E o terceiro grupo identificado iniciou suas atividades em 1990, liderado pela Dra. Maria Isabel Patrício de Carvalho Pedrosa e pela Dra. Maria de Fátima de Souza Santos, vinculado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco. O grupo investiga por meio da linha de

pesquisa Representações e Práticas Psicossociais o processo de construção do conhecimento do senso comum relacionando o conhecimento construído e compartilhado com as práticas coletivas referentes aos diversos objetos sociais. Contudo, o mapeamento desse trabalho permitiu conhecermos a expansão da TRS após 50 anos de sua sistematização. Traz a nossa pesquisa a perspectiva de um aporte interdisciplinar que pode orientar teórica e metodologicamente diversos estudos.

Com base no portal de periódicos da CAPES¹², encontramos o trabalho da Profa. Dra. Josie Aghata Parrilha da Silva intitulado: “A teoria das representações sociais na pesquisa interdisciplinar”, de 2010.

O trabalho tece um comentário acerca da teoria das Representações Sociais apresentada por Serge Moscovici especificamente na obra “Representações Sociais: investigações em psicologia social” (MOSCOVICI, 2007). A autora analisou a obra buscando entendimento do contexto em que o livro foi escrito, bem como o contexto do autor e o que o motivou a escrevê-lo.

Dessa forma, a autora conclui que o livro aponta o caminho intelectual de Moscovici, apresenta a complexidade de compreensão dos conceitos, uma vez que a teoria não se enquadra a uma única área conhecimento. Diante dessa realidade, ressalta a importância da utilização teórica e metodologicamente da RS nos estudos que não se limitam a uma única área e sim, de acordo com a citação que a autora traz de Moscovici (2007) que procuram compreender o homem e a sociedade na sua multiplicidade e complexidade. Fatos esses, relacionados ao objeto a ser investigado nessa pesquisa.

¹² Nesse banco de dados encontramos com o termo **TRS** aproximadamente 2.104 resultados. Refinando a busca para a área de ciências humanas e especificamente educação, pesquisamos 21 páginas, selecionando oito trabalhos e destacamos o trabalho a seguir descrito.

CAPÍTULO 3: O BATUQUE DAS ALFAIAS E AS POSSÍVEIS REPRESENTAÇÕES: AS ANÁLISES E OS RESULTADOS.

No presente capítulo apresentaremos os resultados da pesquisa a partir da perspectiva metodológica utilizada.

3.1 O UNIVERSO DA PESQUISA: O MARACATU NAÇÃO ALMIRANTE DO FORTE

O estandarte do Maracatu Almirante do Forte sustenta 86 anos de tradição e resistência com muita força, alegria e vontade de continuar divulgando e valorizando a importante expressão da cultura popular que é o maracatu. Fundado em 07 de setembro de 1931 o Almirante é administrado pelo núcleo familiar do atual Diretor e Mestre que também é compositor e cantor das loas (músicas) tocadas no maracatu. A sede do maracatu desde a sua fundação, funciona na casa da família no bairro do Bongü, é o único grupo que continua com a sede no mesmo local. A organização conta com o apoio e empenho de toda a família que se estende à toda geração dos primeiros fundadores.

O Maracatu Nação Almirante do Forte tem suas origens na Jurema, característica do maracatu de baque solto, por seus fundadores serem oriundos do município de Carpina (zona da mata norte de Pernambuco). Em 1970, sua calunga¹³ foi batizada no rito Nagô com o nome de D. Menininha, seguindo a forte tendência Nagô, o maracatu deixa de ser baque solto e torna-se “Nação” passando a ser maracatu do baque virado.

A origem do nome Maracatu Almirante do Forte de acordo com o Release¹⁴, se deu quando seus fundadores oriundos de Carpina que brincavam no Maracatu Rural Cruzeiro do Forte, tornaram-se dissidentes pois mesmo fazendo parte de um maracatu de baque solto, resolveram criar outro maracatu, tendo como inspiração para o nome do novo maracatu, o navio ALMIRANTE que na época estava atracado na Capitania dos Portos de Recife. Outro fato peculiar na história do Almirante, foi quando sua Calunga foi batizada no rito Nagô, tornando assim o maracatu “Nação” seguindo o rito Nagô,

¹³ Também chamadas de **bonecas**, Guerra Peixe (1980) a partir da sua pesquisa no Maracatu nação Elefante, caracteriza as Calungas como aquelas que “representam” os antepassados dos pretos e mestiços do cortejo (p.45).

¹⁴ <http://www.nacaocultural.com.br/almirantedoforte>.

originado dos negros do Congo, relacionado ao candomblecista, ritmo que se difere do maracatu rural, segundo os estudos do musicista polonês Guerra Peixe (1980), que investigou com afinco os ritmos e peculiaridades dos Maracatus do Recife.

O maracatu Nação Almirante do Forte em 2008, foi um dos selecionados no edital dos Pontos de Cultura (Minc/Fundarpe) tornando-se desde 2009 ponto de cultura, passando a desenvolver oficinas de percussão. Outro marco, foi a produção do seu primeiro CD, lançado em 2014 e em seguida a produção do DVD. Ambos patrocinado pelo FUNCULTURA. O Almirante ao longo desses 86 anos de história, participa de vários projetos e diversas apresentações.

A principal atuação do Almirante junto aos seus integrantes e comunidade, se dá com seu desfile anual no carnaval de Recife, campeão do 1º grupo no carnaval de 2014 e no carnaval de 2016 passou para o grupo especial. Hoje, o Maracatu Almirante do Forte está no grupo 1, composto por 130 componentes, entre eles 75 batuqueiros, na sua maioria da comunidade, incluindo as crianças e adolescentes mencionados nesse trabalho.

3.1.1 O BAIRRO DO BONGI

De acordo com as informações obtidas no site¹⁵ da Prefeitura do Recife baseadas no censo de 2010, o bairro do Bongi que está localizado na Região Político Administrativa (RPA 5), zona Oeste. Possui cerca de 8.097 habitantes e limita-se com os bairros de San Martim, Mangueira, Prado e Afogados.

A História da origem do nome envolve duas versões, a primeira versão é que o local era cortado por uma estrada, denominada Estrada das Boiadas, e o termo derivaria do verbo *mugir*, variando para Bongi (como a Prefeitura do Recife utiliza). A segunda é que seu nome deriva do Tupi Bon'ji, significando rio que faz curva, o que daria a grafia Bonji.

Uma das referências culturais do bairro é o Maracatu Nação Almirante do Forte cujo atual diretor o Mestre “Tetê” desde o seu nascimento em 1945 mora no bairro. O mestre já foi presidente do conselho de moradores do bairro. Como espaço de lazer, a praça é a mais importante para a comunidade Bongi, mesmo tendo grandes empresas e instituições como a Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF), Companhia

¹⁵<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/bongi>, acesso em 12/01/2018.

energética de Pernambuco (CELPE) e a Secretaria Estadual de Saúde é um bairro residencial onde residem até os dias atuais moradores desde que nasceram como é o caso do Presidente e Mestre do maracatu Nação Almirante do Forte.

Ao considerarmos o tema dessa pesquisa e a problematização proposta que perpassa por terminologia como “Meio Popular”, nos sentimos convidadas a buscar embasamento teórico e aqui elucidar. A fim de deixar claro o porquê que o bairro do Bongü, se encaixa nessa categoria de meio popular onde se insere o universo pesquisado, bem como as pessoas (peças-chave) da pesquisa.

Para tanto, encontramos essa compreensão na tese de Viana (1998)¹⁶ que se embasando em teóricos pertinentes a compreensão da temática aponta a partir dos seus estudos, que o termo “camadas populares” ou no caso desse trabalho “meio popular”, na atualidade (de acordo com a visão contemporânea) está relacionado com aspectos que eram ignorados no século XIX até início do século XX.

Hoje, seguindo os pressupostos estudados pela referida autora, o significado de classes sociais em geral, “camadas populares”, “meio popular” se apresenta com uma certa heterogeneidade,

O significado da noção de classes sociais em geral, e de camadas populares em particular, assim como o uso desses termos, estão hoje vinculados ao debate contemporâneo acerca de determinados temas[...]. Nesse sentido, surge a necessidade de que as análises articulem à noção de classe social, diferentes dimensões, como as famílias, as etnias, as culturas, os espaços, o estilo de vida, o processo de escolarização (VIANA, 1998, p.4).

Assim, relacionando a abordagem desse trabalho e concordando com o pensamento da autora, compreende-se o bairro do Bongü, como um bairro popular, pertencente a essa heterogeneidade, haja vista os aspectos históricos, econômicos, étnicos e culturais que somados, caracterizam o bairro e seus moradores.

3.2. APRESENTANDO OS SUJEITOS ENTREVISTADOS NO PRIMEIRO MOMENTO

Como já apresentado na metodologia, no primeiro momento da pesquisa, realizou-se a entrevista de sondagem com cinco integrantes do maracatu. A referida

¹⁶ Longevidade Escolar em famílias de camadas populares: Algumas condições de possibilidade. Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG.

entrevista visou compreender na visão dos cinco sujeitos envolvidos direta e indiretamente no grupo, o que cada um considera como processo educativo e a representação social da educação dentro do Maracatu Almirante do Forte. Para tanto, estabelecemos um roteiro de entrevistas com um bloco, consistindo em duas questões.

ENTREVISTADO 1

O mestre tem 71 anos, é aposentado e tem como profissão cantor/compositor e mestre de obra. É o atual Diretor do maracatu, além de desempenhar a função de puxador das Loas que são de sua autoria tanto nos ensaios, quanto nas apresentações externas do maracatu.

ENTREVISTADA 2

Aposentada, 77 anos de idade, evangélica há mais de 20 anos, não é integrante direta do maracatu, mas desempenha papel importantíssimo na acolhida e aconselhamento às crianças e adolescentes da comunidade que frequentam o maracatu e frequentemente observa os ensaios.

ENTREVISTADO 3

É vice-diretor do maracatu, tido como “o braço direito” do mestre, tem como profissão montador de automóvel, tem 39 anos de idade e atua também no maracatu na parte de organização burocrática, como também organiza os grupos que participam do maracatu, principalmente as crianças e adolescentes. Além de orientar e instruir um grupo de adolescentes e jovens do Ginásio Pernambucano (G.P) que faz parte de um projeto do maracatu financiado pela FUNDARPE.

ENTREVISTADA 4

A neta tem 28 anos, não está na escola regular (estuda em uma igreja) diagnosticada com Síndrome de Down (segundo relato do pai e outros familiares), é batuqueira do maracatu, bastante interessada, toca alfaia e Abê, mesmo não sendo comum o uso desse último instrumento nos Maracatus, conforme nos informou o vice-diretor.

ENTREVISTADO 5

Pedagogo, arte-educador, artesão de instrumentos percussivos, batuqueiro do Almirante há aproximadamente 5 anos, tem 35 anos de idade. É responsável pelas oficinas na sede do maracatu e nas oficinas do Ginásio Pernambucano.

3.2.1. SITUANDO E ANALISANDO A FALA DOS (AS) ENTREVISTADOS (AS): O MARACATU

A partir das entrevistas realizadas, foi possível analisar as compreensões que esses sujeitos estabelecem no que se refere ao processo educativo e de que maneira a educação é representada dentro do Maracatu Almirante do Forte. Nesse sentido,

[...]as circunstâncias particulares em que um determinado objeto se insere são essenciais para que se possa entendê-lo. Da mesma maneira as pessoas, os gestos, as palavras estudadas devem ser sempre referenciadas ao contexto onde aparecem. (ANDRÉ; LUDKE, 1986, p.12)

Sendo assim, aliado a tais circunstâncias, procuramos analisar as falas desses sujeitos respaldando-nos teoricamente a fim de, a partir de pressupostos, aludir entendimento sobre o objeto investigado e suas problematizações imbricadas.

Na primeira questão que se referiu a existência de um processo educativo dentro do Maracatu Almirante do Forte, todos os entrevistados, embora com palavras diferenciadas, responderam que sim, existe um processo pedagógico no Maracatu Almirante do Forte. O Mestre explicita sua concepção com a seguinte narrativa:

Nós ensinamos a tocar...tocar alfaia...há 85 anos nós lutamos com esses meninos, esse bairro é muito pobre. Existe um projeto de educação, tem netos brincando. Outros mais velhos que já saíram...tem os mais interessados outros não, só querem tocar o instrumento que querem..., mas pedimos pra tocar um instrumento para a educação aumentar...a cultura tá muito devagar...antes tinha mais recurso...agora é bronca. (ENTREVISTADO 1)

A fala do mestre, remete-nos a história do Movimento de Cultura Popular (MCP) nos anos de 1960, quando Coelho (1960) descreve que a atuação do MCP através de projetos, indicava uma proposta antiburocrática. Mas, não espontânea, sem estruturação, os projetos eram avaliados e aprovados por um conselho formado por sócios fundadores do MCP. Pois, fazia parte também da natureza do MCP uma compreensão crítica do papel da cultura em geral e especificamente da cultura popular como processo de formação para uma educação progressista de crianças, jovens e

adultos. Conforme apresenta (GOHN, 2010, p.16) “O aprendizado gerado e compartilhado na educação não formal não é espontâneo porque os processos que o produz têm intencionalidades e propostas”. A entrevistada 2 diz que o maracatu:

[...] tem uma educação boa para as crianças e para os jovens. Todos...Eu sei que estamos afastando da rua...da rua não, das drogas, porque nas ruas não tem mais, graças a Deus e com os conselhos da gente, estão se afastando (ENTREVISTADA 2).

Seguindo a mesma linha de pensamento, o entrevistado 3, que é vice-diretor, diz que o intuito da educação no maracatu Almirante “[...] é desocupar a mente deles (referindo-se às crianças e adolescentes) das drogas... é uma batalha muito grande, aqui e na cidade do Recife” (ENTREVISTADO 3).

As concepções de processo educativo descrito pelos sujeitos, relacionam-se com o pensamento de Freire (2015), sobre prática educativa, que deve implicar numa concepção de seres humanos e de mundo. “Uma vez entendida a orientação no mundo põe a questão das finalidades da ação ao nível da percepção crítica da realidade.” (p.67)

Quanto a concepção da entrevistada 4, o processo educativo está em aprender a tocar os instrumentos de percussão do maracatu. “Gosto de aprender a tocar...” (ENTREVISTADA 4).

E, para o entrevistado 5, arte educador, que também expõe que há um processo educativo no maracatu define assim:

A partir do momento que a gente passa todo o processo de como se constrói o maracatu, desde o instrumento mais básico ao mais complexo...se o aluno não tiver atenção, disciplina ...um bom comportamento para entender toda a didática ...em resumo, aqui é uma aula em campo aberto, o mestre não tem uma batuta, mas gesticula com os braços com as mãos ...é preciso ter alguém para reger o processo (ENTREVISTADO 5).

Podemos compreender que “A relação entre consciência do projeto proposto e o processo no qual se busca sua concretização é a base planejada dos seres humanos, que implica métodos, objetivos e opções de valor” (FREIRE, 2015, p.68).

Portanto, as falas desses sujeitos no que se refere a existência de um processo pedagógico dentro do grupo de Maracatu Almirante do Forte, e os pressupostos aqui teoricamente imbricados, remete-nos a Libâneo (2005). Por nos oportunizar a compreensão que a Pedagogia por ser a ciência que se ocupa na sistematização do fazer educativo e esse processo educativo acontecer também nos espaços não escolarizados,

requer uma atenção do pedagogo quanto a intencionalidade e direcionamento desse fazer educativo.

Na segunda questão que se refere a Representação Social de educação, que cada um tem no maracatu Almirante, os cinco entrevistados fizeram escolhas simbólicas nas suas representações motivados por razões afetivas ao maracatu e, ao trabalho social nele desenvolvido. Moscovici explica que as Representações Sociais, “São sempre complexas e necessariamente inscritas dentro de um referencial de um pensamento preexistente” (2015, p.216).

Assim, para cada novo fenômeno (mesmo que a educação não seja um novo fenômeno) mas representa-la dentro do maracatu é uma nova situação. Representar nesse caso, “Significa a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade do grupo” (ibidem).

A RS de educação no maracatu dada pelo mestre foi a música “*Eu queria que do jeito que eu aprendi a cantar...outros meninos aprendessem a cantar...tô ensinando...quero que todos aprendam...*” (ENTREVISTADO 1). A sua neta, apresenta o mineiro (instrumento musical) e começa a tocar, dizendo: “*É isso, o som...a música...*” (ENTREVISTADA 4). O entrevistado 5 também aponta a música, e em suas palavras diz que “*A música tanto liberta, como educa*” (ENTREVISTADO 5).

Já a entrevistada 2 e o entrevistado 3, apresentam outras simbologias, ela, refere-se ao aconselhamento. “*Fico aconselhando pra eles seguir um caminho...pra eles ficarem ou de um lado ou do outro...ou no maracatu...ou outro caminho..., mas que não seja a rua, as drogas.*” (ENTREVISTADA 2). O vice-diretor do maracatu, diz que a representação social de educação dentro do Almirante, está no estandarte com a calunga do maracatu: “*Meus avós, meus avós...são representados na calunga. (Silêncio) toda essa parte de guerreiro...de mestre forte, de religião de terreiro, é representado na calunga do Maracatu*” (ENTREVISTADO 3).

3.3. APRESENTANDO OS SUJEITOS ENTREVISTADOS NO SEGUNDO MOMENTO¹⁷:

¹⁷Como já apresentado na metodologia no segundo momento da pesquisa, realizamos nos meses de maio e julho de 2017, entrevistas com as famílias participantes da pesquisa.

Realizamos as entrevistas com três adolescentes e duas crianças participantes do maracatu e quatro adultos(familiares), categorizados por famílias com letras que seguiu uma sequência alfabética de “A” a “D”. Encerrando o processo de coleta de informações no que se refere as entrevistas.

FAMÍLIA “A”:

Adulto “A”: Tia, tem 25 anos, mora na comunidade há aproximadamente vinte anos com o marido e uma filha (bebê), mas a sobrinha passa a semana toda em sua casa sob sua responsabilidade, porque a mãe trabalha. Quanto a escolaridade, tem ensino médio incompleto.

Criança “A” Menina de 11 anos, estudante do 5º ano do ensino fundamental I, em uma Escola espírita (ONG). Tem dois irmãos, sua residência com a mãe e o padrasto é na Mustardinha (bairro vizinho ao Bongü), mas fica na casa da tia por sua mãe passar a semana no trabalho.

FAMÍLIA “B”:

Adulto “B”: A avó, idade 58 anos, estudou até o ginásial, mora na comunidade há 16 anos. Na casa, reside ela mais seis pessoas entre netos e um filho.

Criança “B”: Menino, 10 anos, estudante do 5º ano do ensino fundamental em uma escola particular, tem dois irmãos e mora na comunidade.

Adolescente “B”: menino, 12 anos, está no 8º ano do ensino fundamental, mora no Bairro, tem dois irmãos, estuda em escola particular.

Vale ressaltar que a criança “B” e o adolescente “B”, dessa referida família “B” são irmãos e têm mais um irmão de três anos.

FAMÍLIA “C”:

Adulto “C”: A mãe, idade 45 anos, escolaridade, ensino médio completo, mora no bairro há mais de 20 anos.

Adolescente “C”: Um menino de 13 anos de idade, estudante do 6º ano do ensino fundamental em uma escola particular. Mora com sua mãe, pai e o irmão.

FAMÍLIA “D”:

Adulto “D”: A mãe, idade 32 anos, moradora da comunidade também há 32 anos. Possui o ensino médio.

Adolescente “D”: Uma menina de 14 anos, estudante do 1º ano do ensino médio, escola pública. Mora com a mãe e o irmão mais novo do que ela.

3.3.1. SITUANDO E ANALISANDO A FALA DOS ENTREVISTADOS: AS FAMÍLIAS

Seguindo o roteiro elaborado para as crianças e adolescentes¹⁸, a primeira questão refere-se a como chegou no maracatu, quem levou, qual a sua frequência no grupo. A criança “A” respondeu da seguinte forma: “(...) *Foi através da minha família e eu dancei através das minhas amigas, faz uns...dois anos (...) vou todos os sábados que tem ensaio. Perto do carnaval eu vou três, quatro vezes(...)*” (CRIANÇA “A”).

Nesse relato, podemos interpretar que a criança toma como referência a família, fato que se repete nas outras narrativas dos entrevistados. Mas sua decisão de participar do maracatu e se apresentar dançando (lembro bem do jeitinho sorridente ao falar) partiu do convite das amigas.

Ao perguntar o que faz no maracatu, ela responde: “(...) *a gente ensaia o que a gente vai apresentar e também dança e se diverte um pouquinho. (...)*” (CRIANÇA “A”). É importante salientar que o Maracatu Almirante do Forte, para a comunidade é o único local de “entretenimento”, que agrega cultura e diversão a todos. Independentemente de serem integrantes ou não. Fato esse percebido durante as observações que sempre se deram aos sábados e feriados, como também presente em outras narrativas. É comum, durante os ensaios do maracatu e das oficinas de percussão a presença de várias pessoas na frente da sede, dentro, entrando e saindo. Pessoas da mesma rua, de outras ruas próximas a sede e pessoas também de bairros circunvizinhos.

Nesse sentido, Fávero compreende que o homem como criador da Cultura, ele é sujeito: “Vê-se, por aí, que o objeto criado só recebe conteúdo cultural quando, transmitido a outro homem, estabelece uma relação de comunicação” (1983, p. 83). E,

¹⁸Para a entrevista com essas famílias foi elaborado um roteiro para as crianças e adolescentes e outro roteiro para os adultos familiares. Cada roteiro constituiu de um tópico de quatro questões, sendo as questões dos dois roteiros diferentes. As questões elaboradas nos dois roteiros, visou compreender as atividades que as crianças e adolescentes entrevistados desenvolvem no maracatu. Possibilitando assim, compreender o processo educacional das atividades realizadas na sede do Maracatu, como também, analisar a influência do processo educacional para seus familiares.

foi essa relação de comunicação entre o Maracatu Almirante do Forte, expressão da cultura popular, que a pesquisa nos possibilitou perceber.

Quando perguntado sobre o que acha de participar do grupo de maracatu, a criança “A” respondeu: “(...) *Eu acho legal, porque a gente aprende mais sobre a cultura*” (CRIANÇA “A”).

Na última questão que se refere ao que aprende ou vivencia no maracatu, a criança “A” a princípio pensa um pouco e responde: “(...) Não sei” (CRIANÇA “A”). Mas, em seguida ao lhe explicar de forma mais compreensível, ela se solta relatando com detalhes seus aprendizados e vivências.

(...)é... bom, eles também as vezes contam histórias pra a gente enquanto a gente tá ensaiando, é bem legal eles ensinam a gente a dançar a tocar, (pausa) isso daí a gente vai aprendendo mais sobre a cultura. (...) os mais que... os mais antigos que já tavam praticando a muito tempo lá, aí eles contam histórias pra a gente o mestre. Fala também sobre a cultura tem vez que fala sobre a escravidão, fala sobre muitas coisas(...) (CRIANÇA “A”).

Sobre esse aspecto, percebemos segundo Freire (2015) que sua participação no maracatu implica em um movimento de diversão e aprendizagem, resulta em descobertas. Aspecto essencial no processo educacional que requer em todas as instâncias, contextualização de mundo, do lugar que se insere o educando.

A percepção de tudo isto é indispensável [...] se nossa opção é realmente libertadora. Tal percepção os ajuda a rejeitar o perfil que deles fazem as classes dominantes como “marginais” e a encarnar-se como classe dominada, cuja tarefa não se esgota [...], mas lhes impõe o dever de “pronunciar o mundo” a sua maneira (FREIRE, 2015, p.81).

Pois, ainda refletindo em Freire (2015), concordamos com sua afirmação ao salientar que não existe pronúncia do mundo, sem consciente ação transformadora sobre o mesmo. E é essa ação transformadora que possibilita os sujeitos a refletirem sobre os paradigmas que parte dominante da sociedade lhes impõe.

Continuando com os depoimentos da Família “A”, o adulto “A”, tia da criança “A” respondeu a questão sobre o que lembrava de como conheceu, ou tomou conhecimento do Maracatu Almirante do Forte na comunidade da seguinte maneira:

(...). Assim eu lembro quando eu cheguei aqui... era muita gente dançando nesse Maracatu, esse Maracatu tinha tanta baiana tanta

gente que dançava nesse Maracatu que a rua ficava repleta de gente, sério repleta de gente era muita gente dançando muita gente tocando, aí assim eu achei muito interessante aquilo ali assim achava muito bonito o pessoal tudo enfeitado, tem gente que dança muito bonita o Maracatu né assim eu vi aquilo ali me interessei e eu quis participar até hoje eu participo. (...). Eu tinha uns oito anos de idade (...). Assim, a neta do mestre do Maracatu, dançava e ela era minha colega aí eu pedi a minha mãe pra sair também. Minha mãe arrumou uma roupa pra mim um vestido de baiana aí eu fui embora dançar no Maracatu na Federação, lá na Dantas Barreto eu acho na época... a gente se apresentou(...) (ADULTO "A").

Prosseguiu o seu relato mencionando detalhes dos 17 anos que mora na comunidade e participa do Maracatu.

(...). Eu me apresentei dançando acho que por uns três a quatro anos. Depois eu resolvi mudar de posição me tornei batuqueira fui aprender a tocar alfaia aí pronto! Até hoje eu continuo ainda tocando. (...) quando tem ensaio aos sábados geralmente eu vou, assim todos os sábados... as vezes tem de oito em oito dias, as vezes são de quinze em quinze dias... após o carnaval dá aquela paradinha e depois volta novamente (...) E assim a gente vai pra aprender o que a gente ainda não sabe(..) (ADULTO "A").

Quando perguntado sobre o que acha da participação de sua sobrinha no maracatu, se considera bom, importante, por que? Em que contribui? Se também aprende também com a participação dela? O adulto "A" relatou:

(...). Eu acho muito interessante, e contribui sim contribui. Muita coisa assim ela lá no Maracatu e aprende... vai aprender o que é cultura, porque em outro lugar... aqui minha filha só tem esse o único ponto de cultura que a gente tem aqui no Bairro é o Maracatu Almirante aí o único lugar então que eles aprendem muita coisa: aprende a tocar, conhece outros instrumentos, conhece outras coisas, escutam história, escutam muitas coisas lá e assim vão aprendendo... eu acho que contribui muito pra educação e pra formação da criança(...) Eu acho que contribui muito na escola, assim ela é uma menina muito comportada. Ela não traz reclamações para casa sobre nada. Assim eu acho que contribui assim em relação a ensinar pra ela se interessar por histórias que falem sobre a cultura de nosso estado da nossa cidade, eu acho que é isso que o Maracatu traz para cá(...) (ADULTO "A").

Esse relato, está em consonância com o depoimento da criança "A" e com as observações realizadas, no que se refere ao maracatu ser a única opção cultural e de entretenimento na comunidade. Converte também quanto ao relato sobre as

aprendizagens e vivências da criança “A” no maracatu. Continuando a entrevista ainda na segunda questão, é relatado as trocas de aprendizagens entre sobrinha e tia.

(...) a gente quando a gente chega, se eu perguntar tu dançou como? Se ela me disser dancei assim tia, mais não é assim dança desse jeito assim a gente conversa e chega a concordar como estou lá a mais tempo aí ensino a ela da maneira correta aí ela aprende ela aceita a minha informação, ela aceita numa boa (...), eu ensino pra ela assim o que eu já aprendi lá eu tenho que passar pra ela e o que eu ainda não aprendi eu também vou tentando aprender pra poder passar pra ela o aprendizado(...). Ela vai passando pra mim coisas que ela tá aprendendo lá no dia a dia que talvez eu assim não seja da minha... como é que eu posso lhe dizer, que não seja do meu conhecimento porque assim, ela ensaia com outra pessoa eu já sou diferente, ela tá lá ensaiando pra dançar eu tô aprendendo a tocar. Assim ela vai passando pra mim... olha tia eu aprendi hoje assim, hoje eu dancei de um jeito, tal dia o maracatu vai se apresentar eu vou dançar assim que eu aprendi hoje desse jeito aí eu vou aprendendo o que ela vai aprendendo lá e que eu não sei ainda(...) (ADULTO “A”).

Assim, diante da postura de aprendizagens mútuas e de ressignificações, consolidamos essa visão refletindo que “Estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever-tarefa de sujeito e não de objeto” (FREIRE, 2015, p.11). É a postura de sujeito e não de objeto que o referido depoimento da tia (adulto “A”) apresenta ao considerar que também aprende com a sobrinha (criança “A”).

Na terceira questão em relação por que a criança foi participar do maracatu e quem a levou, foi respondido convergindo com a resposta da criança “A”, como podemos observar a seguir: “(...) Acho que no caso dela foi por causa da família...eu já participava, o tio também. E, ela sempre ver as pessoas participando, o maracatu tocando, as amigas dela que já tavam lá (...)” (ADULTO “A”). É importante aqui informar que durante a entrevista com a sobrinha, a tia não estava próxima em todas as perguntas, por se encontrar ocupada, cuidando da filha.

A quarta e última questão do roteiro elaborado para os adultos, foi questionado se a experiência da criança no maracatu, resulta em alguma mudança, se percebe em casa, aprendizagens advindas das experiências vividas no grupo:

Sim. O comportamento, interessada... ela fica dançando em casa, ensaiando pra aprender mais. O que ela aprende sobre a cultura...sobre a cultura do nosso estado... aprende no maracatu(...) (ADULTO A).

Dessa forma, apresentar-se interessada pelas atividades do maracatu, visando um melhor aprendizado, resulta na mudança positiva, que é percebida em casa e atribuída a participação da criança no maracatu. Nesse aspecto, “O que define a cultura popular, no sentido que apreciamos é a consciência de que a cultura tanto pode ser instrumento de conservação como de transformação social” (FÁVERO, 1983, p. 50).

Continuando entrevistamos seguindo os mesmos roteiros a família “B”, composta de dois meninos (criança e adolescente) e a avó, que fala com orgulho que é responsável por tudo deles, que os pais têm ciúmes por eles (os netos) serem tão “grudados” a ela. A entrevista foi realizada com os três na mesma tarde em um dia de semana escolhido pela avó. A entrevista foi iniciada com o adolescente de 12 anos, ao perguntar sobre como chegou no Maracatu, quem o levou e quantas vezes frequenta respondeu:

Há muito tempo minha vó já era princesa e agora eu quis ir(...) desde o começo do ano (...) eu ia para a sede ficava observando um pouco e depois eu peguei a alfaia e comecei a tocar (...)- De quinze em quinze dias (...) O ensaio ajuda muito, tem o baque martelo que eu não sabia e agora já tô aprendendo(...) O baque martelo, tem viração que eu não sabia e já tô aprendendo também, muito mais coisas... (Se referindo aos baques da alfaia, toque do maracatu) (ADOLESCENTE “B”).

Por “toque” entende-se:

a) o ritmo particular executado por cada instrumento; b) a polirritmia que resulta da execução em conjunto; c) a festa com música e dança realizada na sede do Maracatu ou em qualquer local. (...) Um sinônimo de “toque” é “baque” (GUERRA-PEIXE, 1980, p. 67).

Quando perguntado sobre o que faz no maracatu, o adolescente B descreveu:

Quando está na sede, antes de começar o ensaio eu afino alfaia e ajudo aos amigos a afinar a deles. (...) Pra não furar a alfaia, pra ficar (como se fala? Esqueci.) pra esticar o couro. (...) A gente aprendeu isso aí com Cristiano (...) Isso aí professor. ajuda Toinho. (...). As vezes dia de final de semana eu tô indo pra lá (...)As vezes fica lá sentado tem vez que vem Cristiano e toinho a gente fica lá pega um instrumento que a gente não sabe e começa a tocar. (...) a gente conversa (...) (ADOLESCENTE B).

Apoiando-nos em Fávero (1983) entendemos que o trabalho (de ensinar a “afinar” o instrumento de toque do maracatu, ser solidário com os colegas) realizado pelo arte educador e o vice-presidente, a quem o adolescente se refere, como também o conversar, faz parte da consciência de que os frutos dessa atividade não virão imediatamente. E, acreditamos que eles “Nem têm essa visão oportunista[...] estão eles

conscientes da complexidade do fenômeno cultural e, por isso mesmo sabem que só o trabalho contínuo e demorado poderá conduzir a resultados satisfatórios” (FÁVERO, 1983, p.35).

Corroborando com esse pensamento Gohn (2010, p.16) problematizando sobre os aspectos da educação não formal e sua importância, defende que a educação não formal tem intencionalidades e propostas e que o grande educador é o “outro”, aquele com quem há interação e integração. Evidenciando a reciprocidade dessa interação e integração mediadora de saberes entre o adolescente e os “outros” apresentados em sua narrativa.

Nesse sentido, remetemo-nos também a Libâneo (2010) com a pertinente abordagem do aspecto pedagógico por onde também perpassa a discussão deste trabalho. Pois, “Em razão dessas considerações é preciso [...] explicitar em que consiste o campo do *pedagógico*. [...]. Genericamente, a Pedagogia é uma ciência da formação humana. Quanto ao seu objeto - o ato educativo” (LIBÂNEO, 2010, p.162).

Ao perguntar sobre o que acha de participar grupo, o adolescente “B” respondeu: “(...) *eu acho bom que tá ensinando a tocar uma coisa que eu não sabia, e muito tempo queria tocar mas eu não consegui, agora parei com a vergonha e consegui(...)* só agora que tive vontade mesmo(...) *É antes não acha graça, mas agora eu gosto(...)*” (ADOLESCENTE B).

Sobre o que aprende ou vivencia no maracatu, foi respondido que:

(...) no Maracatu aprende a se comportar, aprendo a ouvir tudo o que fala prestar atenção nas coisas e outras coisas(...) ensina tocar e ensina a tocar e a conversar. (...) O mestre participa da conversa (...). Tem aprendizado da música e a gente acompanha com o batoque também, mas o batoque se não souber as músicas não vai saber o batoque(...) (ADOLESCENTE B).

Sobre o aspecto de aprender a música para acompanhar o batoque, se referindo a loa ou cantada (músicas do maracatu). Pois, em uma das observações, percebemos que o vice-diretor que também media as ações educativas no grupo, que não estavam acertando o toque, porque não haviam aprendido a música. Guerra peixe descreve em seu estudo que:

(...) ocorrem no Maracatu acompanhamentos especiais(...) geralmente processados sobre a primeira parte da música. São acompanhamentos sugeridos pelo ritmo das melodias, favorecendo a observância de pausas orquestrais (GUERRA PEIXE, 1980, p.68).

Quanto a criança “B”, segundo entrevistado da referida família, quando perguntado como chegou no Maracatu Almirante do Forte, quem levou e quantas vezes frequente, foi respondido:

Eu vim, é... minha avó contou que ela era a princesa e meu avô era o rei, aí eu fiquei muito interessado em ver os outros tocar ... também eu fazia parte da célula, aí eu deixei um pouquinho de ir para célula pra tocar o maracatu(...) Eles ficaram falando que a célula não fazia parte do maracatu, eles ficaram achando muito ruim. Falaram que maracatu era uma macumba, ai eu falei a eles que maracatu não era uma macumba, maracatu é um tipo de cultura. (Silencio curto) (...). Eu ensaio de 15 em 15 dias igual ao meu irmão, mas toda vez que tem maracatu... agora em junho vai ter todo sábado(...)eles quiseram adiantar mais pra a gente aprender melhor, ainda vai ter oficina dos menores, das crianças (...) pra a gente aprender mais os instrumentos (CRIANÇA B).

Essa resposta está em consonância com a resposta do irmão (ADOLESCENTE B) no que se refere a relação da avó com o maracatu. Outro fato que chama a atenção é o que ele (CRIANÇA B) fala sobre a célula, referindo-se a uma igreja de seguimento evangélico. Pode-se compreender na sua narrativa, que se participar do maracatu, não pode participar da célula. Percebe-se, mesmo que indiretamente na fala, um preconceito por parte dos organizadores da igreja em relação ao maracatu. Certamente, por essa expressão da cultura popular ter uma significativa herança africana que está imbricado com religiões dessa matriz. E no caso do maracatu nação de baque virado como é o caso do Almirante do Forte, está intrinsecamente ligado ao candomblé. Assim:

No momento, porém em que, pela própria experiência, vão percebendo [...]que precisam de expressar-se e de expressar seu mundo, criando e recriando. [...] neste momento mesmo, ao revelar sua concepção nova de tal realidade, passam a ter a sua própria fé posta em parênteses [...] (FREIRE, 2015, p.182).

Ao perguntar-lhe acerca do que faz no maracatu, ele respondeu:

(...) eu aprendo a tocar, é aprendo educação. A prestar atenção nas aulas nas coisas é muita coisa. (...) - A educação. Toda vez que alguém não está prestando atenção, Cristiano vai lá e diz: - não pode ficar conversando na hora que está tocando. Tem que aprender a prestar atenção nas coisas. (...) Eu toco Alfaia. (...) (CRIANÇA B).

Perguntado sobre o que acha de participar do grupo de Maracatu, a criança “B” responde: “Gosto muito. É, eu todo final de semana quase todo dia quando Toinho vai lá, eu vou fico perturbando ele para ter maracatu(...) Toda vez que o ensaio está acabando aí eu peço para ter mais. Aí vai, aí tem...(...)” (CRIANÇA “B”).

No que se refere ao aprendizado e vivências da criança “B” dentro do maracatu, a narrativa converge com as narrativas do irmão (ADOLESCENTE “B”) e com as narrativas do mestre e de sua esposa, como também do arte-educador (primeiros entrevistados). Foi muito marcante na fala desses sujeitos, o processo educativo pautado na conversa, nos aconselhamentos e na parte musical. Assim, a criança “B” diz:

Quase todo dia eu vou pra lá. (...) fico lá conversando(...) sobre muitas coisas (...) eles perguntam por exemplo assim como é que você está na escola? Sobre as músicas... As músicas... significa muitas coisas. (...). Eu sinto muita emoção no meu coração(...) posso cantar? – “Eu ando e você não anda, eu vejo e você não vê. Somos almirante do forte é macumba pra valer. Almirante do forte, não brinca com rancor... Vou fechar com fé em Deus e a virgem da Conceição (...) (CRIANÇA “B”).

Os trechos da música que a referida criança “B” canta, marcando o término da sua entrevista, faz parte da *Loa Eu ando e você não anda* presente no CD de comemoração aos 81 anos do Maracatu Almirante do Forte. O CD composto por 15 LOAS (músicas) contou com o apoio e patrocínio do FUNCULTURA e da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE).

A aprendizagem e vivências que marcam a participação da criança “B” no Maracatu Almirante do Forte, remete-nos a Fávero ao mencionar sobre os instrumentos para o trabalho de Cultura Popular:

A cultura popular utiliza instrumentos e métodos próprios de trabalho(...) com prioridade aqueles instrumentos que: Tenham maior facilidade de penetração no meio do povo; possibilitem maior dinamismo no seu trabalho de conscientizar e politizar (...) façam apelo constante aos valores do povo(...) (FÁVERO, 1983, p. 24).

Com o intuito de enfatizar suas vivências no grupo e como a música é significativa, os dois irmãos (ADOLESCENTE B E CRIANÇA B) espontaneamente pedem para cantarem uma *Loa* juntos, conforme apresentada a seguir:

*Sou almirante, somos de linha
Sou da pontinha do carnaval.
Sou almirante da estrada do Bongi*

Faz enlouquecer todo o pessoal.

*Sou almirante, somos de linha
Sou da pontinha do carnaval.
Sou almirante da estrada do Bongi
Faz enlouquecer todo o pessoal.
(CRIANÇA B E ADOLESCENTE B)*

Desse modo, compreendemos que a educação pelo viés da cultura popular, implica em processos de comunicação que resulta de responsabilidade social e política dentro de uma perspectiva mais ampla, mais problematizadora e significativa.

Seguindo com as entrevistas da família “B”, com a avó (ADULTO “B”). Ela relatou suas lembranças de como conheceu o Maracatu Almirante do Forte:

Minha avó, meu bisavô saía no maracatu. (...) Ele ainda era de baque solto(...) o mestre Tete, madrinha Zefinha, conheceram minha mãe, eu tava na barriga da minha mãe(...) aí depois passou para baque virado, e madrinha Dalvinha, que era irmã do pai de tete que era rainha faleceu, aí minha avó ficou no lugar dela. (...) passou um bom tempo, minha avó faleceu ficou minha mãe. (...) minha avó e minha mãe costuravam as roupas... roupa de rainha, porta estandarte, de rei, das baianas. (...) depois assim fiquei saindo no maracatu, minha mãe, minhas irmãs, meu irmão, meu tio, todo mundo da minha família saiu nesse maracatu. Quando eu cresci, me casei(...), meus netos, tenho filhos, tenho netos. Meus netos se apaixonaram e seguiram ... as origens da família (risos) (...) (ADULTO B).

Sobre sua opinião quanto a participação dos seus netos no maracatu, em que contribui ela (ADULTO B) considera importante e ressalta a necessidade de apoio financeiro para que o grupo de Maracatu pudesse ampliar suas atividades.

(...) deveria ter assim mais empenho, empenho tem... falta mais assim... uma verba. um órgão que ajude a eles a dar mais coisas, assim para aproveitar as crianças aqui da rua né, da comunidade. Um curso, não só a oficina de música, de percussão... mas, uma computação, um artesanato uma... coisa assim que tirasse esses meninos, que ajudasse mais os meninos da comunidade (ADULTO B).

A fala dessa avó, nos remete ao depoimento do Mestre e Diretor do maracatu, na primeira fase da entrevista, que se refere ao recurso financeiro que é pouco, em vista as demandas do grupo.

Também afirma a avó que os netos foram participar do maracatu por influência da família, a história da família que se entrelaça com a história do Almirante,

impulsionou os meninos. Fato que eles também mencionaram em seus relatos: “(...) foi a participação da família...eles nasceram e foram crescendo vendo todo movimento do maracatu. Toda história... Está no sangue da família. (ADULTO B)

Sobre as experiências dos meninos no maracatu, o que percebe de mudança neles, aprendizagem trazidas do maracatu para casa, ela relata:

Bem eu assim, notei o interesse deles, porque assim... chegou o dia, chegou a hora eles deixam de ir para festa, deixa de ir para qualquer coisa, para ir pra esse maracatu pra tocar. (...)quando eles chegam, do ensaio eles comentam (...)eles conversam, mas eu deixo eles lá conversando sabe(...) (ADULTO B).

Compreendemos nessa fala, que os meninos dialogam sobre o que foi dito e realizado nos ensaios do maracatu, o que converge com o depoimento da criança “B” quando. Se refere as conversas com seu irmão. Podemos considerar que há uma dinâmica no processo de aprendizagem por meio do diálogo que se estende ao contexto familiar.

Ainda durante a entrevista, o relato da avó, ressalta que mesmo “praticamente” toda sua família ter participado do Maracatu Almirante do Forte, está “*enraizado na família.*” Segundo ela, há uma percepção diferente de sua parte, vendo agora, os netos participando: “(...) o valor que eles dão...o maracatu é muito importante pra eles, a cultura...eu vejo que eles aprendem diferente. As pessoas lá conversam com eles, assim... a gente ver diferente” (ADULTO B).

Continuamos as entrevistas com mais duas famílias, denominadas famílias “C” e “D”. Seguindo o mesmo roteiro utilizado com as famílias “A” e “B”, retomamos as entrevistas iniciando com o adolescente “C”, um menino de 13 anos que participa do Maracatu Almirante do Forte, desde os 3 anos de idade. Embora levado por sua mãe, sua influência se deu devido a participação da sua avó que foi rainha do maracatu.

Quem começou primeiro foi minha avó, aí eu tinha uns três anos(...) ai minha mãe começou a me levar. Quando ela me levou eu comecei a tocar nos instrumentos lá, comecei a tocar bombo... alfaia.(...) Eu gostei e comecei a tocar, tocar e desde os três anos que eu comecei a tocar.(...) É... a minha mãe que ficava comigo segurando o bombo para eu bater, por exemplo: eu era pequeno só que ele era de macaíba, é... pegava... era um pouquinho do meu tamanho pegava na... no meu peitoral (...) (ADOLESCENTE C).

A fala da sua mãe (ADULTO C) quando entrevistada, confirma seu relato quanto sua inserção no maracatu e a participação da sua avó como podemos observar.

Começou com a minha mãe né, ela desde mais nova já saía no maracatu e depois passou a ser a rainha. Aí meu filho se interessou(...) eu comecei a ir e frequentar, ele tinha mais ou menos uns 3 anos(...) de 3 para 4 anos de idade, foi quando ele começou a tocar(...) ele ficava lá batendo no bombinho dele, aí depois eu fui comprei uma alfaia para ele, e até hoje ele está lá, ele toca alfaia... toca tudo (Risos) (ADULTO C).

Percebe-se a recorrência da participação de membros das famílias anterior a participação das crianças e adolescentes entrevistadas. Pode-se atribuir ao fato do Maracatu Almirante do Forte está presente há 86 anos na comunidade do Bongi.

Ao perguntar ao adolescente “C” sobre o que faz no maracatu ele falou que desde quando iniciou com 3 anos, que ‘toca, é batuqueiro: “(...) *eu sempre participei tocando (...) agora eu tô tocando caixa e algumas vezes eu troco de instrumento como AB, Gonguê*” (ADOLESCENTE C).

O adolescente “C”, fala com entusiasmo sobre o que acha de participar do maracatu:

Eu gosto muito de tocar no maracatu, porque eu aprendo mais sobre as culturas de Recife, de Pernambuco e de todos os lugares né. Como o Maculelê, capoeira e outros. (...). Eu já vi maculelê em alguns cantos de Recife, só que eu nunca fiz maculelê ninguém daqui já fez maculelê (...) outros maracatus vinheram também para tocar(...) Nana Vasconcelos também já veio (...). Aí no grupo de capoeira tinha... já veio dois tipos de capoeira para cá (...). Eu gosto muito (ADOLESCENTE “C”).

Quanto as suas aprendizagens e vivências no maracatu ele fala sobre as conversas que os responsáveis pelo maracatu têm com ele e a interação com os jovens estudantes do Ginásio Pernambucano (GP), escola que os Almirantes do Forte mantem um projeto, financiado pela FUNDARPE. Nesse projeto são realizadas oficinas de percussão, que acontecem tanto na escola, quanto na sede do maracatu. Observamos a presença desses estudantes na sede, nas oficinas e em festividades como o aniversário do Mestre e o aniversário do Almirante. Foi possível constatar as conversas, as trocas de saberes em relação ao modo de tocar, de afinar as alfaias, ou seja, foi possível perceber a interação entre eles.

Na entrevista com sua mãe (ADULTO “C”) quando perguntado sobre o que acha da participação do seu filho no maracatu, em que contribui, se sua participação reflete em casa e se aprende também com ele. Seu relato esteve em consonância com os relatos dos adultos das famílias A e B:

(...) é um incentivo né para as crianças (...) por ser uma comunidade pobre (...) crianças não vivem na rua o tempo todo(...)tem lá aquele maracatu eles vão para lá e tem algo para aprender na vida, uma cultura(...) cultura do nosso estado (ADULTO C)

Continua a entrevista dizendo que a participação do seu filho no maracatu contribui significativamente que os comentários feitos em casa sobre as atividades no maracatu, contribui também com aprendizado para ela.

Bem, é um aprendizado né... um conhecimento maior sobre a cultura de Pernambuco, que é o maracatu e fora as outras que tem(...) porque quando sai por aí, a gente não só ver o maracatu(...) ele vai se entrosar com outros blocos que aparecem lá naquele meio(...) Assim o contato com as outras pessoas que vem de fora do exterior(...) que vem muitos de fora. (...). Assim o que ele tocou no dia, que às vezes ele troca de instrumentos o contato que tem lá com o pessoal... termina eu aprendendo com o que ele diz... (ADULTO C).

Em relação a experiência dele no grupo, o que percebe de mudança nele, que considera reflexo da sua participação no maracatu. Ela (ADULTO C) se refere ao interesse pela música: “(...) é o interesse pela música porque o negócio dele é instrumento (...) porque o negócio dele é música (...) ele já me pediu para colocar na escola de música e por aí vai (risos)” (ADULTO C).

Percebe-se nos relatos da família “C”, no tocante ao interesse do adolescente “C” pela música, uma conscientização sobre a importância de manutenção ou superação de uma cultura significada pelo povo, cultura que represente transformação. Condizente a ação de cultura popular que traz o maracatu no seu processo histórico e de resistência.

Adolescente “D” uma menina de 14 anos, estudante do 1º ano do ensino médio em escola pública. Ao perguntar-lhe sobre como chegou ao Maracatu Almirante do Forte, quem a levou, quanto tempo faz que participa, a adolescente respondeu:

Eu sempre tive vontade assim de entrar no maracatu, mas eu nunca tive coragem porque eu participava de grupos da igreja e não podia. Aí me chamaram “vamo, vamo” aí tá bom eu vou... fui e é muito importante pra mim. Eu não falto nenhum ensaio estou no horário

certo. E eu fui por espontânea vontade e porque me chamaram, aí eu “ta bom” e estou até hoje lá. (...) eu, desde pequena eu dancei uma vez aí depois eu parei, mas agora voltei acho que faz uns 5 meses(...) eu estou continuando só que é diferente, antes eu dançava agora eu toco, voltei e estou lá. (...) eu tinha uns 6 anos, aí eu dançava e minha tia participava também, ela ainda participa algumas vezes... a mãe do meu primo. aí ela me chamava e eu ia e botava uma roupinha e dançava de qualquer jeito, nem sabia, e agora já estou grande e já tenho conhecimento das coisas(...) (ADOLESCENTE D).

Quando perguntado sobre o que faz no maracatu, a adolescente relatou que toca alfaia, mas que aprendeu a tocar outros instrumentos: “(...) *quando está faltando gente para tocar o mineiro aí eu vou(...)*’ (ADOLESCENTE D). Porém, a adolescente “D” nos relatou que antes de ser ensinado a tocar qualquer instrumento no Maracatu, os organizadores do grupo mediam às crianças e adolescentes alguns princípios básicos de convivência e sociabilidade: “(...) *a partir do momento que a pessoa chega lá eles ensinam logo a ter respeito, (...) quando a pessoa for tendo respeito e amor ao próximo, eles podem dar um instrumento para gente tocar.*” (ADOLESCENTE D)

Sobre o que acha de participar do grupo e se gosta, ela nos relatou:

É muito importante... minha rotina era escola quando eu chegava da escola eu ficava a tarde sem fazer nada. (...) ocupa bastante nosso tempo o maracatu e é muito importante para a gente, ensina várias coisas, não deixa a gente no meio da rua fazendo coisas erradas com más influências. Lá ensina várias coisas, conversa com a gente, sobre responsabilidade, humildade, respeito. A gente aprende bastante lá e eles ajudam muito, esses 5 meses que voltei, estou lá, eles ajudaram bastante, que eu não sabia de nada, não queria saber. Me ensinaram a ter mais humildade, mais responsabilidade, eu acho muito importante (ADOLESCENTE D).

Pode-se compreender na fala dessa entrevistada que a cultura popular se apresenta como: “[...] uma reforma de sentido revolucionário porque sabe unir dialeticamente a possibilidade imediata ao objetivo final e porque assume como objetivo final a transformação material da sociedade” (ESTEVAM *apud* FÁVERO, 1983, p. 37).

Nesse sentido, a cultura popular permeia a nossa vida no contexto individual, mas também coletivo, considerando as inter-relações vivenciadas em sociedade. Podemos refletir ainda no sentido revolucionário da educação que assim como a cultura popular, objetiva continuamente a transformação dos sujeitos, vislumbrando possibilidades de transformação coletiva.

De acordo com a adolescente D, demorou para ser integrante do maracatu devido sua opção religiosa,

(...) não sou totalmente membro da igreja...da igreja evangélica. Porque para a pessoa ser membro da igreja tem que ser batizada nas águas e eu não sou. (...) a partir do momento que eu for batizada nas águas eu não vou poder ir para o maracatu sei que não vou conseguir sair do maracatu(...) aí eu demoro... estou pensando um pouco para ver se vou me batizar na igreja porque eu gosto muito do maracatu e não consigo sair. Ai fico meio lá meio cá... (ADOLESCENTE D).

Vê-se nesse relato, assim como o da criança “B” que também mencionou questões religiosas, problematizações que surgem porque,

As igrejas, de fato, não existem como entidades abstratas. Elas são constituídas por mulheres e homens “situados” condicionados por uma realidade concreta, econômica, política, social e cultural. São instituições inseridas na história, onde a educação também se dá (FREIRE, 2015, p.173).

Assim como Fávero (1983) aponta que a significação da cultura popular é precisamente entrar em tensão ideológica na afirmação de uma cultura contra outra. Assim, refletindo em Freire (2015), concordamos que é essencial uma prática educativa que continuamente se proponha a contribuir para a ação consciente dos oprimidos, aspecto que a cultura popular está em consonância.

Sobre suas vivências e outras aprendizagens no Maracatu Almirante do Forte, ela relatou: *“(...) eles ensinam bastante, porque não adianta só se comportar lá dentro se a gente não vai se comportar do lado de fora...minha mãe diz -Tá quieta ...o maracatu ajuda muito vocês né?” (ADOLESCENTE D)*

Outro aspecto pertinente a análise da fala dessa entrevistada, é a explícita capacidade que tem de dialogar com as práticas educativas vivenciadas no maracatu, submetendo-as constantemente a uma reflexão crítica de suas ações individuais e coletivas.

Proseguimos a entrevista com a família “D” entrevistando a mãe (ADULTO D). Seguindo o mesmo roteiro elaborado para os adultos, constatamos na entrevista frequentes convergências tanto com a fala da filha (ADOLESCENTE D) quanto com a fala dos adultos das outras famílias entrevistadas e aqui já referidas. Assim, na questão de como ela (ADULTO D) tomou conhecimento do Maracatu na comunidade:

Eu moro aqui em Bongi há 32 anos, 31 anos e meio, quase minha idade. E desde criancinha que existe o maracatu e fui criada dentro

do maracatu, vendo o maracatu. Não sei o ano, mas desde quando eu me entendo de gente que o maracatu existe, o Almirante do forte. (...) minha participação era só nos ensaios... de presenciar os ensaios, brincar, ir junto com o maracatu para as apresentações, mas fazer parte mesmo, tocar... não, nunca aprendi não (ADULTO D).

No que se refere a participação da filha no grupo de maracatu, se considera importante e em que contribui, o adulto “D”, considera muito importante e assim como os demais adultos entrevistados e convergindo com a fala da filha. Mencionou a importância do aprendizado e valorização da cultura e também porque evita que fique na rua sem ocupação: “(...) ocupa o tempo livre dela evita de estar na rua fazendo alguma coisa errada e ela está ali aprendendo a cultura do nosso estado e ela fica bem focada(...)” (ADULTO D).

Quando perguntado porque ela (ADOLESCENTE D) foi para o maracatu e quem levou, mais uma vez há consonância na fala das duas: “Eu acho que chamou a atenção dela ali, que é bonito o toque, as músicas.... Ela pequenininha, ia comigo e ficava dançando. Mas, agora, ela quis participar” (ADULTO D).

Sobre a experiência da filha no grupo, se percebe alguma mudança nela e se o que faz ou comenta em casa considera como aprendizagem do maracatu e se também aprende com a vivência da filha, ela relatou:

Quando chega ela comenta tudo do início ao fim do que aconteceu... Comenta o que ela aprendeu a tocar um negócio novo, “mãe agora toquei um diferente”. Porque ela sabe assim..., o básico, aí ela aprende um toque diferente(...)Quando saem para algum canto, ela fala se foi bom(...)acabo que me atualizo. Porque não estou indo mais, ela que vai e quando ela chega ela me atualiza, me fala tudo que está acontecendo... porque a gente cresce vira adulto e tem outras coisas para fazer, outras obrigações. (...)ela também está aprendendo a ter mais respeito e respeitar as outras culturas, que a gente tem várias, não é? E eu acabo aprendendo, percebendo o valor da nossa cultura, da história... Antes eu não via assim. (ADULTO D)

Dessa forma compreendemos que,

Na medida em que a condição básica para a conscientização é que seu agente seja um sujeito, isto é, um ser consciente[...]. É como seres conscientes que homens e mulheres como seres “abertos”, são capazes de realizar a complexa operação de, simultaneamente, transformando o mundo através de sua ação, captar a realidade e expressá-la por meio de sua linguagem criadora (FREIRE, 2015, p. 107).

Assim, a educação, como também a cultura, como processos exclusivamente humano, podem suscitar em homens e mulheres consciência reflexiva e transformadora sobre suas realidades no mundo, sobre suas histórias. E, nesse contexto, num cenário fora da escola institucionalizada a educação emerge de múltiplos saberes e subjetividades que em sua complexidade necessita de compreensão acerca dos aspectos políticos, sociais e culturais que se entrecruzam com o conhecimento do senso comum de onde emergem as representações sociais defendida por Serge Moscovici, ao qual nos reportamos para análise, apoiando-nos na *TRS* seguindo os *universos reificado e consensual*. Bem como, segundo Moscovici, nos dois processos geradores de representações: A *ancoragem*, processo que transforma, encontra um lugar para encaixar o não familiar, o novo, representar o não usual em um mundo familiar, colocar o novo em modelo familiar e a *objetivação*, processo pelo qual a RS adquire materialidade, torna-se expressão de uma realidade pensada como natural. Tentamos a partir desse caminho, refletir sobre as substancias simbólicas nas narrativas dos sujeitos entrevistados.

Fato esses que se encontram na fala dos cinco sujeitos entrevistados no primeiro momento, ao ancorar suas explicações acerca da educação, na música e no aconselhamento, como também, por meio da objetivação na simbologia da calunga, que representa ancestralidade dentro do maracatu. Nessa perspectiva, a calunga torna-se real, concreta, correspondendo aos conceitos culturais compreendidos no grupo, portanto, significados familiares ao grupo.

Moscovici, afirma que não é fácil aos sujeitos, transformar palavras, ideias, seres, objetos desconhecidos (não familiares) em algo usual, próximo do seu entendimento, atual: “É necessário para dar-lhe uma feição familiar, pôr em funcionamento os dois mecanismos de um processo de pensamento baseado na memória e em conclusões passadas” (2015, p. 60). Podemos compreender assim, que as RS de educação no Maracatu Almirante do Forte de acordo com as narrativas desses cinco sujeitos entrevistados e respondendo ao propósito do roteiro elaborado, se dão pela simbologia dos objetos e elementos que os caracteriza e da transmissão do saber oral, considerando os dois mecanismos de ancoragem e objetivação.

A Teoria das Representações Sociais também nos revelou diversas compreensões nas narrativas dos nove sujeitos na segunda fase das entrevistas. Os relatos muito próximos entre as famílias “A”, “B”, “C” e “D” e as convergências nas

falas das crianças e adolescentes, envolve aspectos de aprendizagens individual e coletiva, repercutidas nas interações cotidianas ocasionadas por meio da comunicação.

Sustento, pois, que as representações sociais têm como finalidade primeira e fundamental tornar a comunicação, dentro de um grupo, relativamente não *problemática* e reduzir o “vago” através de certo grau de consenso entre seus membros. (...). Essa é a questão, as representações não podem ser conseguidas através do estudo de alguma crença ou conhecimento explícitos, nem ser criadas através de alguma deliberação específica. Ao contrário, elas são formadas através de influências recíprocas, de negociações implícitas no curso das conversações, onde as pessoas se orientam para modelos simbólicos, imagens e valores compartilhados específicos. Nesse processo, as pessoas adquirem um repertório comum de interpretações e explicações, regras e procedimentos que podem ser aplicadas à vida cotidiana (MOSCOVICI, 1984a *apud* MOSCOVICI, 2015, p. 208).

Norteadas pelo pensamento interpretativo a luz das Representações Sociais, consideramos as interações comunicativas relatadas nas entrevistas pelas crianças, adolescente e familiares como compreensões distintas e ao mesmo tempo complementares. Essa experiência investigativa acerca do fenômeno educação, em ambiente não formal e mediado pela cultura popular, nos apresenta confirmação das palavras de Moscovici, ao explicitar que a Ciência e as Representações Sociais apesar de serem diferentes entre si, são ao mesmo tempo tão complementares, que se torna inevitável pensar e falar em ambos os registros. Assim, as Representações Sociais dentro do registro do universo consensual, apontam a produção dos saberes sociais elaborados na relação com o Maracatu Almirante do Forte. Saberes esses construídos no cotidiano desses sujeitos e que fazem parte das experiências vividas por eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho visou contribuir com uma educação que viabilize a ampliação de conhecimento articulado com os saberes difusos em espaços educativos não formais, espaços esses, em sua maioria, inseridos nos meios populares, aqui já com a compreensão de que a terminologia “meios populares” está intrinsecamente relacionada ao sentido contemporâneo de heterogeneidade. Com vista aos fatores que permeiam a vida dos sujeitos no meio social, atrelados as condições econômicas, de escolarização, culturais e étnicas no que diz respeito ao contexto histórico. E visou contribuir também com uma educação que viabilize a ampliação de conhecimento articulado com os saberes norteados pela cultura popular.

Pode-se concluir, que o universo ao qual foi inserida a pesquisa possibilitou a concretude do conhecimento amplo sobre o significado de educação e sobre a Pedagogia quanto campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação. Educação essa, intencional, presente na modalidade de educação Formal e não formal, esta última que se propôs dar visibilidade nessa pesquisa. Além de esclarecer o papel do profissional pedagogo que mesmo com as diversas possibilidades de atuação, devido a ampliação do campo, o contexto histórico que se insere a Educação e a Pedagogia, torna mais evidente as antagônicas opiniões sobre sua atuação e espaço de atuação.

Desse modo, de acordo com os estudos teóricos e metodológicos que fundamentam a pesquisa e os resultados obtidos, respondendo ao *objetivo geral*, conclui-se que o processo educacional trabalhado pelo Maracatu Almirante do Forte com as crianças e adolescentes da comunidade se dá por meio da ressignificação da cultura popular, arraigada no maracatu.

Quanto aos *objetivos específicos*:

a) Caracterizamos os sujeitos envolvidos no processo educacional mediado pelo maracatu como os cinco sujeitos entrevistados no primeiro momento das entrevistas, que foram: o mestre, sua neta, seu filho e o arte educador, integrantes, organizadores e envolvidos direto do maracatu e a esposa do Mestre que embora não seja participante direta do maracatu, desempenha um papel fundamental na mediação do processo educacional às crianças e adolescentes por meio dos seus aconselhamentos;

b) Tendo como práticas educativas, as oficinas de percussão, a música (loas) ensinadas pelo Mestre, as rodas de conversas e a inter-relação entre Almirante e comunidade;

c) Quanto a influência na educação dos familiares das crianças e adolescentes que participam do maracatu, consideramos mútua, visto que a percepção de determinados saberes ou uma nova compreensão acerca desses saberes por parte dos familiares em relação ao maracatu, se dá por meio dos comentários (conversa) que as crianças e adolescentes tecem em casa, no seu contexto familiar. Saberes esses que perpassam pela transformação do pensamento pré-existente sobre o maracatu, sobre a cultura popular quanto aos valores e significados para o grupo, comunidade e a outras instancias sociais.

Contudo, compreende-se que a cultura popular uma vez sistematizada pedagogicamente, pode suscitar a ruptura de uma educação hegemônica e excludente que arraigados em um sistema colonizador, são reproduzidas até os dias atuais na prática educativa. A educação e as habituais práticas, por perpassarem por paradigmas ideológicos impostos historicamente, não vislumbra novas possibilidades, novas mediações, novos sujeitos, pensantes e aprendizes que também ensinam, desde que haja um movimento dialético no processo de ensino e de aprendizagem.

Nessa perspectiva, a Pedagogia é teoricamente fundamentada e prepara o Pedagogo para atuar nos diversos espaços sociais, ampliando, portanto, a ação educativa, considerando o envolvimento de diferentes sujeitos e evidenciando a função social e integradora que tem a educação.

Compreendemos a amplitude do tema e os vieses que emergem, mas que não é possível abarcar em uma única pesquisa. Sugerimos futuros desdobramentos da pesquisa como: analisar o processo educativo com crianças e adolescentes em outro grupo de maracatu; o rendimento escolar (Educação Formal) de crianças e adolescentes que participam das atividades do maracatu Nação Almirante do Forte.

REFERÊNCIAS

BERRUEZO, L. B.; SILVA, O. B. N.; TRINDADE, C. S. Ensino e Aprendizagem das culturas afro-brasileiras: epistemologias e educação cultural. **Revista Ciência em Extensão**, São Paulo, 2015, v.11, n.11, p.63-84.

CHAIB, M.; LOUREIRO, L. **Cadernos de Pesquisa**, Jun 2015, Volume 45, n. 156, pp. 358 – 372.

COELHO, G. **MCP: História do movimento de cultura popular**. Recife: Ed. do Autor, 2012.

CONRADO, M. S. **Percursos de Resistência e Aprendizagem nos Cortejos de Maracatu**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013.

DOMINGUES, P. Cultura Popular: as construções de um conceito na produção historiográfica. **História**, São Paulo, ago. /dez 2011, v.30, n.2, pp. 401-419.

FÁVERO, O. (org.). **Cultura Popular e Educação Popular: Memória dos anos 60**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

FLUZA, A. F.; MACEDO, I. A educação informal e o rap como agente educativo. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, maio/ago 2013, n. 31, pp. 17-32.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GOHN, M.G. **Educação não formal e o educador social**. São Paulo: Cortez, 2010.

GUERRA - PEIXE. **Maracatus do Recife**. Recife: Irmãos Vitale, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1980.

SILVA, J.A.P. A teoria das representações sociais na pesquisa interdisciplinar. **Revista de Ciências Humanas**, 2010.

LIBÂNEO, J.C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?**. São Paulo: Cortez, 2010.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo. EPU, 1986.

ANTUNES-ROCHA, M.I; CARVALHO, C.A.S. ; MARTINS, A.M.; Pesquisa em representações sociais no Brasil: cartografia dos grupos registrados no CNPq. **Psicol. teor. prat.** 2014, n° 16, pp. 104-114.

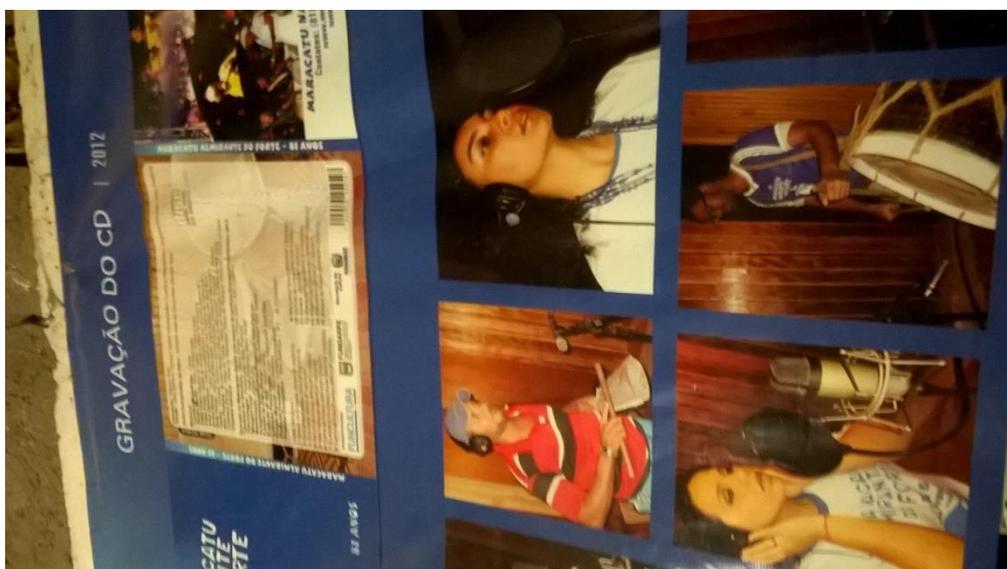
MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: Investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2015.

MOURA, E. P. G. de; ZUCHETTI, D. T. Educação além da escola: acolhida a outros saberes. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 140, maio/ago, 2010, pp. 629-648.

OLIVEIRA, I. A. Cultura e interculturalidade na educação popular de Paulo Freire. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, jan/jun 2010, n. 25, pp. 109-124.

VIANA, M.J.B. **Longevidade escolar em famílias de camadas populares**: algumas condições de possibilidades. Belo Horizonte: FAE – UFMG, 1998.

APÊNDICE A: Mostra fotográfica do Maracatu Nação Almirante do Forte durante o processo da pesquisa-Arquivo da pesquisadora.



Agosto 2016 (primeira visita oficial) sede do Maracatu



Setembro de 2016- Oficina de Percussão com alunos do Ginásio Pernambucano.



Setembro 2016 -Ensaio Percussão Com alunos da comunidade e do Ginásio Pernambucano -Sede do Maracatu



Fevereiro 2017- apresentação na praça da Várzea (segunda de carnaval)





Maio 2017-Sede do Maracatu

APÊNDICE B: Roteiro de entrevista de sondagem

IDENTIFICAÇÃO:

Nome:

Idade:

Profissão:

1-Para o Sr./Sra. existe um processo educativo no Maracatu Almirante do Forte? Como se dá esse processo? (Caso responda SIM)

2-Como é representada essa educação? Através de que? Na sua opinião...

APÊNDICE C

Roteiro de entrevista com crianças e adolescentes participantes do Maracatu NAF.

Identificação:

Nome;

Idade;

Onde mora e com quem;

Quantos irmãos;

Onde estuda;

Em que ano escolar está.

Quatro tópicos de perguntas:

1-Como chegou no Maracatu Almirante do Forte? Quem levou você... Quantas vezes vai?

2-O que você faz no Maracatu?

3-O que você acha de participar desse grupo?

4-E o que você aprende ou vivencia no maracatu?

*A depender das respostas, intervir com outros questionamentos como...o que mais gosta... me dê exemplos...alguém da sua família participa? Quem? Você conversa sobre os ensaios... as atividades que faz no maracatu, em casa?

APÊNDICE D

Roteiro de entrevista com os familiares das crianças e dos adolescentes Participantes do maracatu NAF.

Identificação:

Nome:

Idade;

Escolaridade;

Quanto tempo mora na comunidade;

Alguém mais da família participa ou participou do maracatu.

Quatro tópicos de perguntas:

1-Como conheceu, como tomou conhecimento do Maracatu Almirante do Forte na comunidade? O que lembra?

2-O que acha da participação da sua criança (filhos, netos, sobrinhos...) no grupo? Acha bom? Por que? Em que contribui? Me dê um exemplo...

3-Por que a criança (parente) foi para o maracatu? Quem levou?

4-Essa experiência dela no grupo, a Sra. /Sr percebe alguma mudança nela? O que ela faz em casa que a Sra./Sr acha que é aprendizagem do maracatu?

ANEXO

PORTFÓLIO

MARACATU NAÇÃO ALMIRANTE DO FORTE Fundado em 07 de setembro de 1931

Estrada do Bongi, 1319 – Bongi – CEP – 50830-260
0 Recife – Pernambuco
CNPJ – 08.798.084/0001-62 FONE – (81) 3228.8026 (81) 96812150
Email – almirantedoforte@gmail.com

**www.facebook.com/almirantedoforte
<http://maracatualmirantedoforte.blogspot.com>
<http://soundcloud.com/almirantedoforte>
www.flickr.com/almirantedoforte
www.nacaocultural.com.br/almirantedoforte**

Produção contatos: (081) 9901.4303 (081) 8800.5221

MARACATU NAÇÃO ALMIRANTE DO FORTE

Quarenta e dois anos após a Abolição da escravatura foi criado o MARACATU ALMIRANTE DO FORTE. Seus fundadores, Severino Grosso e Mane Grosso oriundos de Carpina (município da zona da mata norte de Pernambuco) inicialmente brincaram no Maracatu Rural Cruzeiro do Forte. Em 1931 se tornaram dissidentes e resolveram criar outro maracatu, e para dar o novo nome foram a Capitania dos Portos de Recife, e escolheram “ALMIRANTE” graças ao navio com o mesmo nome, que estava atracado naquele momento.

Foi criado assim o Maracatu de Baque Solto Almirante do Forte, com sede na Avenida do Forte-Recife PE, tendo seu primeiro presidente o Sr. Antônio José da Silva. Anos depois foi para as mãos da sua irmã a Sra. Janaina, e sua sede transferida para a Rua da Bacia. A história se repetiu e o Maracatu volta para o controle do Sr. Antônio José da Silva, assim como sua sede volta a ser na Estrada do Bongi, 1319, onde se encontra até os dias atuais.

Mas a história do Maracatu Almirante do Forte, tem um aspecto peculiar, quando sua calunga foi batizada no rito Nagô com o nome de Dona Menininha e com isso o

Maracatu passou a ser “Nação”, seguindo o rito Nagô e passando de baque solto para Baque Virado em 1970. Sua forte atuação junto a seus associados da comunidade se dá com a sua saída anual no carnaval de Recife, onde para tal promove ensaios semanais e com isso se dá a transmissão dos conhecimentos adquiridos pelos mais velhos.

Hoje o MARACATU NAÇÃO ALMIRANTE DO FORTE, é uma Nação Nagô, tendo a mais antiga dama de paço em atividade a Sra. Josefa Maria da Silva (1910), mãe do atual presidente o Sr. Antônio José da Silva Neto (Mestre Teté), outra particularidade é o único grupo de maracatu que continua na sua sede desde a sua fundação.

PROJETOS APROVADOS E EM ANDAMENTO

Foi um dos selecionados no edital dos **Pontos de Cultura(Minc/Fundarpe)** em 2008, estando em fase de desenvolvimento das oficinas(conforme mostrado a seguir), em 2012 foi selecionado pelo Edital do **FUNCULTURA** para concepção do seu primeiro CD, lançado em Maio/2014, selecionado e em fase de execução no II Edital Ideias Criativas 2013 Alusivo ao Dia Nacional da Consciência Negra - 20 de Novembro – **Fundação Cultural Palmares**, e no último edital do **FUNCULTURA(2013/2014)** aprovamos um projeto de confecção do nosso DVD.

Participações:

- Todos os anos no desfile Oficial do carnaval promovido pela Prefeitura da Cidade do Recife, sendo membro da Federação carnavalesca de Pernambuco;
- Participação anual durante o carnaval do Encontro de maracatus de baque virado intitulado Noite dos tambores Silenciosos
- Participação do Projeto Terça Negra da Prefeitura da Cidade do Recife;
- Apresentações do festival de Inverno de Garanhuns por diversos anos;
- Apresentações diversas na programação oficial do carnaval da FUNDARPE.

EVENTO - Abertura Oficial do carnaval de Recife com Naná Vasconcelos

LOCAL – Recife Antigo

DATA - Desde 2007

EVENTO – Programação oficial do carnaval do Governo do Estado/FUNDARPE

LOCAL - PAUDALHO-PE, IPOJUCA-PE

DATA – 2009, 2010, 2012

EVENTO – Programa CASA DO CARNAVAL – REDE GLOBO NE

LOCAL – Rua do Bom Jesus

DATA - 23/02/2009

EVENTO - Desfile oficial do carnaval do Recife como membro da Federação

Carnavalesca de Pernambuco

LOCAL – RECIFE

DATA – Desde a criação da Federação

EVENTO – Programação oficial de carnaval de Recife

LOCAL – Pólos descentralizados (J. São Paulo, Mustardinha, Bongí, Três Carneiros)

DATA – Diversos anos (em 2013 - Campeão Grupo 2)

EVENTO - Projeto Festa da Lavadeira Ação Cultural

LOCAL – Praia do Paiva – Cabo de Sto. Agostinho
DATA – 01/05/2006 – 01/05/2013

EVENTO - Participação dos Festivais de Inverno
LOCAL – Garanhuns-PE
DATA – 2007, 2008 e 2010

EVENTO – Festival Nação Cultural - FUNDARPE
LOCAL – Gravatá, Paudalho, Goiana, Porto de Galinhas e Vitória de Sto. Antão
DATA –2009-2010-2011-2013

EVENTO - Projeto Terça Negra – Prefeitura do Recife
LOCAL – Pátio de São Pedro – Recife-PE
DATA – De 2005 em diante

EVENTO - Noite dos tambores Silenciosos - Recife
LOCAL – Pátio do Terço – Recife – Pe
DATA – Desde 1979

EVENTO – Baile Perfumado
LOCAL – Pátio do terço - Recife
DATA –2008-2010-2012-2013(sendo homenageado)

EVENTO - Noite dos tambores Silenciosos - Olinda
LOCAL – Quatro cantos
DATA – 08/02/2010

EVENTO – Festa da Pitomba – Jaboatão dos Guararapes
LOCAL – Monte dos Guararapes
DATA – 11/04/2010

EVENTO - 19ª edição da Brazil National Tourism Mart (BNTM)
LOCAL – Porto de Galinhas
DATA – 29/04/2010

EVENTO - Workshops, Oficinas, apresentações e palestras
LOCAL – Portugal, França, Alemanha, Reino Unido, Irlanda do Norte
DATA – 05 de maio a 20 de junho de 2011

EVENTO – EncontroS – Maracatus de Baque Virado
LOCAL – Serra Negra – São Paulo
DATA – 18,19 e 20 outubro de 2012

Ponto de cultura - Maracatu Almirante do Forte

Com esse projeto são desenvolvidas as seguintes ações:

- Promover Oficinas de:

- Percussão, com confecção de instrumentos e prática;
- Dança tradicional do maracatu nação;
- Confecção de roupas e indumentárias;
- Registro de áudio e vídeo;
- Informática.

Essas oficinas servirão como fator de inclusão na valorização e na preservação da identidade de uma matriz cultural de Pernambuco. Onde educadores externos e internos (mestres do Maracatu Almirante do Forte) ensinam todos esses saberes aos mais jovens da comunidade, além de outras expressões culturais do folclore pernambucano ligados às tradições afrodescendentes, e com isso contribuir para a preservação do patrimônio cultural de Pernambuco através de oficinas de formação.

A juventude terá a oportunidade de unir o lazer à preservação da história do maracatu, afastando os jovens e adultos das drogas e da violência urbana.

Através das Oficinas de Percussão, dança tradicional, confecção de roupas e indumentárias e registro de áudio e vídeo o projeto vai capacitar atores da comunidade transformando-os em multiplicadores de atividades ligadas a suas manifestações e com isso estimular o protagonismo da nação, fomentando o empreendedorismo através da compreensão de suas origens, seu sistema de atividades e seu universo de atuação buscando a sustentabilidade de forma articulada, inovadora e autônoma.

Resumo do que está sendo desenvolvido:

Realização de 30 oficinas no período de 3 anos, sendo elas descritas abaixo:

OFICINAS	TIPO
Percussão	Prática
Percussão	Confecção Instrumentos
Dança	Prática
Roupas/indumentárias	Prática
Informática	Iniciação
Audiovisual	Iniciação

O Projeto atende 300 (trezentos) participantes (diretos e indiretos), proporcionando qualificação nas diversas áreas acima descritas, e proporcionando na área de informática e áudio visual, que o maracatu se torne alto suficiente no manuseio e aplicabilidade nesses recursos tecnológicos.